

## História da filosofia da psicanálise no Brasil: momento de fundação (Parte I)<sup>1</sup>

Richard Theisen Simanke<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Minas Gerais, Brasil

**Resumo:** Este artigo se propõe a analisar o primeiro estágio do desenvolvimento da área de pesquisa em filosofia da psicanálise no Brasil, apresentando e descrevendo os trabalhos fundadores de seus pioneiros, produzidos entre a segunda metade dos anos 1970 e o início dos anos 1990. A seguir, ele discute e procura elucidar a ideia de uma “epistemologia da psicanálise” que domina este período inicial, propondo um conjunto de quatro argumentos para proporcionar uma visão mais sistemática de suas principais teses, a saber, os *argumentos analítico, defensivo, conciliatório e indutor*. Como conclusão, é apontada a pesquisa que ainda é necessária para se obter um panorama mais abrangente deste movimento da história intelectual brasileira.

**Palavras-chave:** psicanálise; filosofia da psicanálise; Freud; filosofia brasileira; epistemologia da psicanálise.

**Abstract:** This article sets out to analyze the first stage in the development of the research field in philosophy of psychoanalysis in Brazil, presenting and describing the founding works of its pioneers between the late 1970s and the early 1990s. Next, it discusses and makes sense of the idea of an “epistemology of psychoanalysis”, which dominates this early stage, and proposes a set of four arguments to provide a more systematic view of its main tenets, namely, the *analytical, defensive, conciliatory, and inducing arguments*. As a conclusion, it indicates what further research is needed for a more encompassing view of this movement in Brazilian intellectual history.

**Key-words:** psychoanalysis; philosophy of psychoanalysis; Freud; Brazilian philosophy; epistemology of psychoanalysis.

A psicanálise sempre se distinguiu, entre as correntes psicológicas, por ter despertado, muito precocemente, um interesse filosófico. Os primeiros estudos filosóficos sobre o pensamento de Freud começam a aparecer ainda na década de 1910 (KARPINSKA, 1914), assim como o debate interno ao movimento psicanalítico em formação sobre as relações entre psicanálise e filosofia (FERENCZI, 1912; PUTNAM, 1911/1921; 1912;

---

1 Este trabalho foi produzido como parte das atividades de um estágio curricular em Pesquisa Teórica em Psicologia do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Ele está vinculado a um projeto interinstitucional de pesquisa intitulado *A recepção filosófica da psicanálise: história, tradições e doutrinas*, integrando ainda os pesquisadores Weiny César Freitas Pinto (UFMS), Francisco Verardi Bocca (PUCPR) e Caio Padovan (Université Montpellier III – Paul Valéry e PUCPR), além de estudantes de graduação e pós-graduação destas instituições. Os autores agradecem aqui aos colegas pela colaboração e às instituições envolvidas pelo apoio na condução deste projeto.

2 Professor titular pela UFJF e autor de *A Fundação da Psicanálise: Do neurônio à memória* v. 1. (Ed. Do Instituto Language, 2023 e *Metapsicologia laciana: os anos de formação*. (Discurso Editorial, 2002). Esse trabalho foi escrito juntamente com Ana Carolina Marinho Amaral e Lavínia Couri Montese do Amaral.



PINTO & PADOVAN, 2019). Essa foi uma tendência que perdurou e se ampliou com o tempo, podendo ser encontrada nas filosofias francesa, alemã e anglo-saxônica, no que se destacam nomes como Georges Politzer, Roland Dalbiez, Paul Ricoeur, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, John Wisdom, John Forrester, Richard Wollheim, Adolf Grünbaum, para mencionar apenas alguns. Ao mesmo tempo, se Freud manteve sempre um diálogo ambivalente e, por vezes, reticente com a filosofia, diversos teóricos posfreudianos empreenderam um recurso muito mais decidido à informação filosófica. Dentre estes se destaca Jacques Lacan com certeza, mas autores como Hans Loewald, Thomas Ogden e Jonathan Lear, entre outros, podem também ser mencionadas. Esse duplo fenômeno – o interesse da filosofia pela psicanálise e da psicanálise pela filosofia – deu origem a uma área de pesquisa em *filosofia da psicanálise*, que se desenvolveu de forma particularmente marcante no contexto brasileiro.

Embora tenha havido precedentes históricos, a formação deste campo de estudos no país é um fenômeno que tem início nos anos 1970-1980 e encontra seu principal foco de irradiação inicial nas instituições universitárias paulistas, tais como a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), às quais mais tarde se juntariam a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e, já fora do contexto paulista, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Histórica e politicamente, este movimento coincide com o declínio do período mais repressivo do regime militar iniciado com o golpe de 1964 e acirrado a partir de 1968. Certa normalidade operacional começava, então, a retornar às instituições acadêmicas, nas quais os setores mais politizados tinham sido particularmente atingidos pelas medidas de exceção, entre eles os centros de filosofia e ciências humanas, embora não exclusivamente. Este retorno à normalidade, aliado, entre outros fatores, ao retorno dos exilados e à reintegração dos cassados, permitiu a retomada do processo de profissionalização e renovação da filosofia acadêmica nacional, interrompido nos anos 1960 pelas circunstâncias políticas e suas consequências sociais e institucionais. Por uma série de razões que ainda precisam ser mais detalhadamente compreendidas, a aproximação entre filosofia e psicanálise fez parte desse movimento (PINTO, 2021a). Assim, filósofos de formação começaram a se interessar e se dedicar à pesquisa sobre a psicanálise, utilizando-se dos métodos da interrogação e da análise filosófica e, com o tempo, psicanalistas e outros profissionais engajados na prática clínica se aproximaram da academia em busca de uma formação filosófica que pudesse propiciar novos instrumentos para o trabalho teórico.

A filosofia brasileira da psicanálise começou a surgir desse intercâmbio. Embora se trate de um fenômeno acadêmico significativo e em franca expansão no contexto contemporâneo, apenas recentemente estudos especificamente destinados a apresentá-lo, compreendê-lo e explicá-lo começaram a tomar forma, tanto com relação ao perfil global da recepção filosófica da psicanálise no Brasil e os métodos para abordá-la (SIMANKE, 2010b; 2011b; 2014; SIMANKE, Caropreso & BOCCA, 2011; Monzani, 2008; FULGÊNCIO & SIMANKE, 2005; PINTO, 2018; 2021b; BOCCA, 2021), quanto à análise e comentário de obras e autores específicos, seu impacto e sua repercussão (SIMANKE, 2007; 2011a; 2019; SIMANKE & FULGÊNCIO, 2005; FERNANDES, 2011; IBERTIS, 2011; FERREIRA, 2021).

Qualquer tentativa de periodização de um processo dentro da história intelectual é sempre, em alguma medida, artificial, estabelecendo fronteiras onde, de fato, ocorreram transições graduais e intercâmbios complexos. Mesmo assim, esta estratégia pode ser útil para organizar a percepção do domínio de pesquisa que se pretende cobrir. Feita essa ressalva, pode-se, *grosso modo*, dividir o desenvolvimento da filosofia brasileira da psicanálise em três grandes períodos. Há, em primeiro lugar, um *momento de fundação*, que se caracteriza pelo engajamento dos protagonistas pioneiros na pesquisa acadêmica abarcando esta interface entre filosofia e psicanálise, na publicação das primeiras obras especificamente nesta área e no surgimento das estruturas institucionais que começaram a lhe dar suporte. Este período pode ser convencionalmente



delimitado como tendo início em 1974, quando Renato Mezan inicia no PPG em Filosofia da USP um mestrado sobre Freud que daria origem, oito anos mais tarde, ao seu *Freud: a trama dos conceitos* (MEZAN, 1982), trabalho inaugural em nosso campo. Como término, propôs-se o ano de 1991, com a publicação da coletânea *Filosofia da psicanálise*, organizada por Bento Prado Jr (1991b), na qual esta área de pesquisa é explicitamente nomeada e apresentada, começando a se tornar, a partir daí, consciente de si mesma como uma subdisciplina filosófica. Num segundo momento, teríamos uma *fase de consolidação*, que se estenderia – também, convencionalmente, é claro – entre 1991 e 2002, tendo como marco final a criação do Grupo de Trabalho em Filosofia e Psicanálise no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), com o que a filosofia da psicanálise avança um passo importante em seu processo de reconhecimento junto à comunidade filosófica nacional e em formalizar suas redes de pesquisa. Este período se caracteriza pela emergência e amadurecimento de uma segunda geração de pesquisadores na área, que concluem a sua formação, publicam seus primeiros trabalhos e começam a conquistar as posições acadêmicas que lhes permitirão se engajar em novos projetos de pesquisa e formação. Por fim, pode-se falar, a partir de 2002, de um *período de expansão*, marcado pela ampliação do número de pesquisadores trabalhando na área, pela intensificação das atividades científicas de grande porte (eventos em nível nacional e internacional), pela inserção em redes de pesquisa internacionais e por uma maior variedade de temas e linhas de pesquisa em comparação com os estágios iniciais, entre outras características.

O objetivo deste artigo é dar início a uma análise mais sistemática desta história da filosofia da psicanálise no Brasil, concentrando-se, nesta primeira etapa, no que foi designado acima como seu *momento de fundação* (1974-1991). Por limitações de espaço, o presente trabalho se concentra em alguns pesquisadores mais diretamente ligados ao contexto universitário de São Paulo em que este movimento teve início. Mais precisamente, foram selecionados, pelo caráter pioneiro e pela repercussão de seus trabalhos produzidos no período considerado, os seguintes autores: Renato Mezan, Luiz Roberto Monzani, Osmyr Faria Gabbi Jr, Zeljko Loparic e Bento Prado Jr. Outros personagens, acontecimentos e produções deste período serão objeto de trabalhos posteriores, incluindo as contribuições mais significativas e igualmente fundadoras de outros autores que serão sucintamente indicados ao final deste artigo.

O objetivo aqui é apresentar uma visão preliminar, organizada e de orientação mais descritiva deste momento inaugural, que possa servir de ponto de partida para análises subsequentes, mais detalhadas e focadas nas questões propriamente conceituais. Contudo, uma análise algo mais sistemática é esboçada num segundo momento, a fim de identificar certos elementos comuns e traços prevaletentes nestas obras e autores. Sobretudo, destaca-se a figura de uma *epistemologia da psicanálise*, que domina o período e cuja *ultrapassagem* confere o perfil global mais ou menos definitivo desta área de pesquisa em filosofia da psicanálise. Quatro temas centrais são identificados como diferentes concepções – mais ou menos explicitamente formuladas, conforme o caso – sobre a natureza da relação entre psicanálise e filosofia. Eles foram descritos em termos de diferentes *argumentos* articulados nos trabalhos de pelo menos alguns dos pesquisadores discutidos, a saber, um *argumento analítico* (a filosofia pode interpretar e explicar a psicanálise), um *argumento defensivo* (é preciso resguardar ou proteger a psicanálise da filosofia), um *argumento conciliador* (a leitura filosófica reaproxima psicanálise e filosofia) e, finalmente, um *argumento indutor* (a psicanálise pode renovar a prática da filosofia ao lhe propor novos problemas e estratégias). Com a expansão desta pesquisa para abarcar outros autores e linhas de pensamento, mais “argumentos”, neste sentido específico aqui proposto, podem ser identificados e serão expostos em trabalhos subsequentes. A caracterização desses argumentos tem por fim esboçar um quadro de referência abrangente para a apreciação do pensamento desses autores e de outros em que suas ideias repercutiram, avançando assim na compreensão do processo de formação da filosofia da psicanálise no Brasil.



## Os autores e as obras

Em sentido estrito, o desenvolvimento da interlocução que viria a dar seu caráter *disciplinar* à área de pesquisa em filosofia da psicanálise é, como se disse, um fenômeno surgido em torno da virada dos anos 1970-1980 (SIMANKE, 2010a). Contudo, como quase sempre é o caso, é possível identificar antecedentes significativos. Os trabalhos de Almir de Andrade e Paulo Siwek entre os anos 1930 e 1950, assim como a presença da psicanálise no ensino de Jean Maugüé, permitem falar de uma “pré-história da ‘filosofia brasileira da psicanálise’” (PINTO, 2021b, p. 152). O filósofo Almir de Andrade, mais conhecido como ideólogo do Estado Novo getulista (PAIVA, 2015), foi também aluno e paciente do psiquiatra Júlio Pires Porto-Carrero – um dos pioneiros da psicanálise no Brasil – e dedicou diversos trabalhos a questões psicológicas, incluindo estudos críticos da psicanálise freudiana publicados no Brasil e no exterior (ANDRADE, 1933; 1936; 1957). O padre jesuíta, filósofo, psicólogo e educador de origem polonesa, Paulo Siwek, por sua vez, atuou extensamente no Brasil – há uma cátedra com seu nome na Academia Paulista de Psicologia (2007) –, ensinando em instituições como a PUC-Rio e o Colégio Santo Inácio. Das obras dedicadas a questões psicológicas, há um breve ensaio filosófico-crítico sobre psicanálise (SIWEK, 1945). Por fim, o primeiro germe de uma filosofia da psicanálise na Universidade de São Paulo em formação pode ser identificado no trabalho do filósofo Jean Maugüé, integrante da missão francesa que atuou na fundação da instituição. Maugüé incluía em seus cursos temas psicológicos como afetividade, percepção, personalidade e memória, baseando-se tanto na fenomenologia alemã, na psicologia da Gestalt e na psicopatologia de Pierre Janet quanto na psicanálise freudiana. Segundo Filho (1971, p. 132), Maugüé seguia nisso os passos da tradição francesa, sendo “partidário de uma psicologia concreta, mas, como seu compatriota Politzer, crítico impiedoso da ‘psicologia experimental’”<sup>3</sup>.

Seja como for, é nos anos 1970 que se inicia o desenvolvimento de uma filosofia brasileira da psicanálise propriamente dita. Em 1973, ainda um estudante de filosofia em vias de concluir o curso na Universidade de São Paulo, Renato Mezan, segundo suas próprias palavras, defrontou-se por acaso com as *Conferências de introdução à psicanálise* de Freud, as quais lhe despertaram um interesse pelo tema que se tornaria perene (MEZAN, 1985/2006). Deste encontro, no mais puro espírito da serendipidade, resultou o projeto de uma leitura abrangente e sistemática de Freud:

Nossa tese é um produto do espanto: a descoberta de Freud, nas páginas da *Introdução à psicanálise*, foi para nós um momento de perplexidade e de angústia. (...) Imediatamente formamos o projeto de dedicar a Freud um estudo abrangente e, nos anos seguintes, percorremos metodicamente (...) os numerosos volumes das Obras completas. À medida que o trabalho prosseguia, demo-nos conta de que seria impossível avaliar o impacto e o sentido da psicanálise sem passar primeiro pela sistematização dos conceitos e pela história de sua elaboração progressiva. (MEZAN, 1982, p. xv)

Este estudo seria realizado sob a forma de uma pesquisa de pós-graduação em nível de mestrado sob a orientação de Marilena Chauí. No contexto da filosofia da USP nos anos 1970, Chauí aparecia, certamente, como a orientadora mais apropriada para aquela que seria a primeira dissertação sobre Freud num Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Filosofia no país. Embora esta não fosse sua área de especialização, que transitava na época entre a fenomenologia, o pensamento de Espinosa e a crítica sociopolítica, a pensadora manifestava já interesse e familiaridade com a psicanálise e temas próximos (psicologia e fenomenologia, sonhos, linguística e psicanálise, psicanálise e sociedade, psiquiatria e psicopatologia etc.) como o indicam os temas de cursos e conferências ministrados entre 1971 e 1977. Além de publicar seu celebrado *O que é ideologia?* (CHAUÍ, 1981) na Coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense, ela havia se comprometido

3 Sobre esse aspecto do ensino de Maugüé, ver ainda PINTO (2021b), CÂNDIDO (2007) e CABRAL (1950).

com outro volume sobre a *repressão sexual*, que acabaria sendo publicado mais tarde em outro formato (CHAUÍ, 1984), a partir do qual um mais amplo espaço seria concedido às concepções freudianas sobre sexualidade e repressão. Assim, pode-se presumir que a psicanálise se encontrava já no horizonte de suas preocupações filosóficas quando assumiu, em 1974, a orientação do jovem Mezan (SIMANKE, 2014)<sup>4</sup>.

A dissertação de Mezan, “A articulação dos conceitos na psicanálise de Sigmund Freud”, seria concluída em 1977 e publicada mais tarde com o título de *Freud: a trama dos conceitos* (MEZAN, 1982). Trata-se de um trabalho de leitura e explicação sistemática do pensamento de Freud ao longo do percurso da obra, tomando como fio condutor a formulação inicial e o desenvolvimento da teoria da repressão e articulando em torno deste eixo os principais desenvolvimentos conceituais: as tópicas freudianas, a teoria da sexualidade e suas transformações, a introdução dos conceitos de narcisismo e pulsão de morte, com todas as suas consequências metapsicológicas e seus impactos na psicopatologia freudiana. Era um tipo de trabalho até então praticamente inexistente tanto na psicanálise brasileira, em que predominavam maciçamente os estudos clínicos ou propedêuticos, quanto na filosofia, majoritariamente concentrada nas monografias históricas de explicação dos textos clássicos da tradição, sobretudo no contexto uspiano, dominado pelos métodos do estruturalismo francês (ARANTES, 1994; Caponi, 2003).

Neste seu primeiro trabalho, Mezan deixa de fora, deliberadamente e por razões de método, a teoria freudiana da cultura, que considera como uma espécie de psicanálise “aplicada” e que constituirá o foco de seu doutoramento e do livro dele resultante, *Freud, pensador da cultura* (MEZAN, 1985/2006). Neste sentido, há continuidade e complementaridade entre as duas obras. Mesmo assim, duas inflexões importantes se fazem notar na passagem de uma à outra, uma biográfica e profissional; a outra, metodológica. Do ponto de vista biográfico, este segundo livro de Mezan está marcado pela experiência da análise e da formação analítica, às quais há inúmeras referências ao longo do texto. Por exemplo, Mezan abre seu livro com a detalhada narrativa e interpretação de um sonho próprio, já na Introdução, mesmo reconhecendo que esta é uma maneira pouco usual de dar início a uma tese de filosofia (MEZAN, 1985/2006), e comenta, no prefácio de 1986 à 4ª edição do livro que a pesquisa realizada transcorreu “ao compasso da análise”. As questões de método também estão explicitadas neste mesmo prefácio. O autor declara que, ao contrário de seu primeiro livro, esta segunda leitura da obra freudiana procura se situar para além da dimensão exclusivamente conceitual. Na nota preliminar escrita em abril de 1982 para a publicação de *Freud: a trama dos conceitos* – portanto, *depois* que a tese de que resultou *Freud, pensador da cultura* já estava redigida – as características dessa nova maneira de ler Freud são mais detalhadamente apresentadas:

Neste intervalo, uma segunda leitura do conjunto dos textos sugeriu-me outra abordagem (...): a de encarar a teoria em seu contexto, feito de múltiplas dimensões. (...) Uma teoria psicanalítica é o fruto da elaboração da experiência psicanalítica, experiência que se desdobra em diversas perspectivas: a da formulação conceptual é uma delas, porém não a única, já que a autoanálise do psicanalista, o momento cultural e o discurso dos pacientes também determinam o conteúdo propriamente teórico. (MEZAN, 1982, p. ix-x)

Um aspecto deste contexto se destaca e é explicitado também no prefácio de 1986 a *Freud, pensador da cultura*. O reconhecimento de que a psicanálise transcende a obra de Freud e abrange não só suas inúmeras correntes pós-freudianas, mas também sua presença disseminada como um fato de cultura, implica que ela tenha, como diz Mezan, *um passado e uma história*. Daí a determinação de dedicar-se, na continuidade, ao que considera como o território ainda inexplorado de uma história da psicanálise levada

4 As informações sobre as atividades acadêmicas de Chauí à época foram obtidas do Sistema de Currículos Lattes do CNPq (<http://lattes.cnpq.br/1116101797671415>). Ela orientaria ainda outras pesquisas sobre psicanálise até o início dos anos 1980, com destaque, além de Mezan, para os trabalhos de Luiz Roberto Monzani e Alfredo Naffah Neto.



a sério, à qual, de fato, dedicou diversos trabalhos posteriores (MEZAN, 2014; 2004; 1990). Com isso, Mezan apresenta uma formulação bastante precoce de discussões correntes mais recentemente no campo dos estudos psicanalíticos: a renovação da historiografia da psicanálise e o papel do recurso ao contexto neste empreendimento (MAYER, 2017; MARINELLI & MAYER, 2006), assim como a articulação entre história e filosofia na elucidação das teorias psicanalíticas (SIMANKE, 2020; Simanke & Caropreso, 2018; 2017). Estas questões são retomadas na segunda seção deste trabalho, quando se retornará a estes e outros trabalhos de Mezan (1983/2002; 1991) do período para discutir sua concepção geral das relações entre filosofia e psicanálise.

Outro dos trabalhos inaugurais da filosofia brasileira da psicanálise também resultou de uma pesquisa de doutorado na USP orientada por Marilena Chauí. Em 1982, um ano após o doutoramento de Mezan, Luiz Roberto Monzani ali defenderia sua tese intitulada “Freud, o movimento de um pensamento”, que seria publicada na íntegra apenas sete anos depois, embora partes da mesma tivessem aparecido como artigos em periódicos científicos antes disso (MONZANI, 1984). O livro logo se tornaria uma obra de referência e um clássico fundador desta área de pesquisa em formação (BRANDO, Brum, Carquejeiro & Maciel, 2015; BAIRRÃO, 2014). O livro é composto por quatro estudos relativamente independentes que abordam momentos cruciais de transformação no curso do pensamento freudiano: a transição entre uma teoria das neuroses centrada na hipótese da sedução e outra, que encontra seus fundamentos na sexualidade infantil e na fantasia; a substituição do modelo neurobiológico do *Projeto* de 1895 pelo modelo psicológico de *A interpretação dos sonhos*; a passagem da primeira para a segunda dualidade pulsional propostas por Freud; por fim, a relação entre as duas principais tópicas freudianas, articuladas no Capítulo VII da obra de 1900 e nas páginas de *O eu e o isso* (1923).

O elemento comum que alinhava estes estudos e lhes confere unidade é o *método* concebido para a abordagem destes problemas. Para além da qualidade das análises conduzidas por Monzani ele mesmo, a dimensão e a perenidade de sua influência sobre os estudos em filosofia da psicanálise no Brasil talvez se devam ao cuidado e detalhe com que seu procedimento é apresentado e justificado, o que tornou a introdução e a conclusão do livro uma espécie de manifesto metodológico a ser seguido pelas gerações de pesquisadores que se sucederam. Chegando a Freud a partir de um projeto abandonado sobre o positivismo de Comte, Monzani havia, já então, se defrontado com o problema colocado pela divisão da obra comtiana em duas fases aparentemente inconciliáveis, quando os preceitos do estruturalismo filosófico requeriam a eleição da obra exemplar do filósofo como objeto de uma análise interna, sistemática e exaustiva, a fim de identificar, justamente, a *unidade* fundamental do pensamento. As múltiplas rupturas e dualidades identificadas tradicionalmente na evolução do pensamento de Freud colocavam, assim, um obstáculo ainda mais desafiador, a exigir a inovação metodológica protagonizada por Monzani: abordar o conjunto da obra, não como uma entidade estática e monolítica, mas antes como um processo vivo de criação teórica em constante movimento. Este *conceito de movimento*, enunciado desde o título do livro, não se caracteriza nem por uma evolução contínua, nem pela ruptura total, abandonando construtos teóricos obsoletos e substituindo-os por novos. Tampouco Monzani se contenta com a solução de compromisso representada pela superação (*Aufhebung*) dialética em que o momento ultrapassado é recuperado e preservado em outro plano, numa ascensão constante rumo a uma apreensão racional do real. Embora a imagem da *espiral* – metáfora tradicional para representar a progressão dialética – compareça na sua caracterização final deste conceito metodológico de movimento, ela é atravessada e modificada por outra: a imagem do *pêndulo*, que introduz na compreensão do processo de elaboração do pensamento freudiano um fator de contingência, hesitação e acidente que contrabalança os riscos idealistas de uma reconstrução inteiramente racional da obra (SIMANKE, 2011a).

Duas imagens ou metáforas nos parecem indicar, para fixar o pensamento, esse movimento do pensamento freudiano: o pêndulo e a espiral. De um lado, o discurso freudiano aparece como claramente *pendular*, isto é, ora enfatiza um polo da questão, ora seu oposto. (...) Seguindo, porém, esse movimento pendular, percebemos que ele acaba formando, quando penetramos nessa complicada rede teórica que é o freudismo, um movimento *espiralado*, com a condição de pensar essa imagem no espaço e cilíndricamente, em que as mesmas questões são abordadas, “esquecidas”, retomadas, mas não no mesmo nível em que estavam sendo tratadas anteriormente. (MONZANI, 1989/2014, p. 294-295, grifos do autor)

Esta mesma disposição para reequacionar a oposição entre ruptura e continuidade e relativizar a oposição entre dualidades contrastantes na compreensão das ideias de Freud transparece na crítica que Monzani aponta, em seu ensaio igualmente clássico endereçado ao problema geral das relações entre psicanálise e filosofia, à leitura consagrada de Paul Ricoeur, repartindo a psicanálise entre uma energética mecânico-causal e uma hermenêutica das relações de sentido. Este ensaio, ao qual se retorna adiante, é a mais sistemática exposição e justificativa da então onipresente ideia de uma *epistemologia da psicanálise*, que Monzani já havia ensaiado em publicações anteriores (MONZANI, 1987; 1988/1991b). Outro exemplo desta atitude metodológica pode ser encontrado em seu estudo sobre as especulações filogenéticas de Freud, no então recém-descoberto e publicado manuscrito metapsicológico perdido de Freud sobre as neuroses de transferência. Ali, ao concluir sua análise, Monzani procura ultrapassar a dicotomia entre fantasia e teoria, apoiando-se também na discussão feita por Bento Prado Jr sobre as relações entre ficção e história em Freud (MONZANI, 1991a; PRADO, 1988). A relativa despreocupação de Monzani com a questão da publicação deixou muitos de seus trabalhos do período inéditos ou registrados em anais e outros veículos de difícil localização<sup>5</sup>. Não obstante, os exemplos aqui discutidos são suficientes para estabelecer o seu lugar de destaque entre os pais fundadores da filosofia da psicanálise no país.

O percurso acadêmico de Zeljko Loparic apresenta características próprias com relação aos autores até aqui discutidos por duas razões. Em primeiro lugar, realizou sua formação inteiramente no exterior, sobretudo na Universidade Católica de Louvain (Bélgica); em segundo, essa formação se concentrou principalmente em lógica, epistemologia e filosofia da ciência, e não em história da filosofia, com cujas versões uspianas só teve um contato – aliás, conflitivo – bem mais tardio. Assim, se Mezan e Monzani chegam na filosofia da psicanálise através de um movimento de crítica interna dos preceitos metodológicos do estruturalismo filosófico, tal como o fará também Bento Prado Jr, Loparic aí aporta através da aplicação à psicanálise de uma concepção de ciência construída anteriormente a partir de um heterogêneo conjunto de influências e de uma relação crítica com o pensamento de Kant e Heidegger, principalmente. Não é surpreendente, portanto, que a ideia de *epistemologia* – e, por consequência, de uma *epistemologia da psicanálise* – tenha um sentido consideravelmente distinto em Loparic, quando comparada com a destes outros autores, como se discute adiante.

Nascido na Croácia e partindo de uma formação católica, Loparic teve um contato precoce com o pensamento kantiano ainda durante seus estudos secundários. Com a descoberta da fenomenologia e do pensamento heideggeriano durante seus estudos universitários na Universidade Católica de Louvain, ele chegaria ainda a assistir aos últimos seminários de Heidegger em Freiburg em meados da década de 1960. A filosofia de Kant o levaria ao problema do conhecimento e, daí, à epistemologia e à filosofia da ciência, enquanto Heidegger o introduziria às questões ontológicas do ser e da existência. Estes dois interesses se expressam, em sua formação filosófica, numa tese de doutorado sobre Kant e Mach, orientada pelo filósofo e matemático Jean Ladrière, em que começa a defender uma visão instrumentalista da ciência como

5 Alguns destes trabalhos (Monzani, 2005a; 2005b; 2005c; 1986/2005d) foram, mais tarde, publicados ou republicados na coletânea *Freud na filosofia brasileira* (Fulgêncio & Simanke, 2005). Outros permanecem inéditos ou aguardando uma republicação que lhes faça justiça.



um conjunto de estratégias para a resolução de problemas. Esta concepção de ciência é alicerçada numa interpretação da teoria kantiana do conhecimento como uma “semântica transcendental”, isto é, como uma teoria *a priori* da significação. Antes, disso, também em Louvain, Loparic produzira uma dissertação de mestrado com um estudo comparativo entre Heidegger e Hegel, sob a orientação do filósofo heideggeriano Alphonse de Waelhens. Este último – um filósofo interessado pelas aplicações psicopatológicas da analítica existencial, na tradição inaugurada por Ludwig Binswanger, além de ser próximo a Lacan – intermediaria os primeiros contatos, ainda que breves, de Loparic com a psicanálise e com o próprio seminário lacaniano (SILVA E MARQUES, 2009; GARCIA E AMÊNDOLA, 2012).

Já no Brasil, após um período da Universidade Federal da Paraíba e uma passagem pela USP, Loparic assume, em 1977, uma posição na Unicamp e participa da criação do Centro de Lógica e Epistemologia (CLE) naquela instituição. Durante sua gestão como diretor do CLE, coordena o processo de criação do curso de pós-graduação *latu sensu* em Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise (FFPP), que surge em 1984. Segundo Loparic, seu interesse era fomentar no CLE os estudos em filosofia das ciências humanas, e a escolha recaiu sobre a psicanálise, devido, por um lado, à reivindicação científica de Freud e, por outro, ao espaço que esta disciplina já então ocupava no ambiente cultural nacional. O FFPP se tornaria o espaço institucional mais relevante na sua função de catalisador do desenvolvimento da filosofia da psicanálise no Brasil neste período inicial. Com exceção de Renato Mezan, todos os autores discutidos neste trabalho com ele colaboraram. Além de Loparic e Monzani, Gabbi Jr para lá se deslocaria para participar do programa e se vincularia definitivamente aos estudos filosóficos sobre a psicanálise. Bento Prado Jr, vinculado à Universidade Federal de São Carlos desde o final dos anos 1970, se encontrava geograficamente próximo e colaboraria ativamente com o FFPP, reforçando assim sua interlocução com a psicanálise. Sua atuação nessa área se prolongaria no espaço concedido à psicologia e à psicanálise quando da criação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências na UFSCar quatro anos depois (SIMANKE, 2014).

Os primeiros trabalhos de Loparic relacionados à psicanálise surgiram neste contexto. Em “Resistências à psicanálise” (LOPARIC, 1985, p. 29), ele começa observando que “a psicanálise em geral foi negligenciada pelas teorias contemporâneas da ciência” e se propõe a começar a preencher esta lacuna discutindo as polêmicas históricas que envolveram Freud e seus antagonistas, delineando uma categorização dessas críticas ou “resistências” – internas e externas, intelectuais e não intelectuais –, analisando os argumentos freudianos que a elas respondem desde a perspectiva da filosofia da ciência e interpretando a reivindicação científico-naturalista de Freud à luz de sua própria interpretação da teoria kantiana do conhecimento. Ao fazê-lo, coloca-se numa posição oposta à de Monzani que, como se discutirá com maior detalhe na próxima seção, preteriria uma leitura da psicanálise a partir da filosofia da ciência em favor de uma epistemologia imanente adaptada das formulações do filósofo francês Gérard Lebrun (1977/2006) em seu influente artigo a este respeito.

Esta atitude de Loparic é mais precisamente qualificada em outro trabalho seu do período aqui considerado, “Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano” (LOPARIC, 1991). Resultado de sua participação num simpósio de psicanálise realizado na PUC de São Paulo em abril de 1989, este trabalho parte da discussão da *legitimidade da interrogação filosófica da psicanálise* – um tema recorrente neste momento inaugural desta área de pesquisa – para concluir:

Para Freud, a psicanálise se caracterizava pela atitude científica e (...) o estudo do inconsciente era solidário dos nossos esquemas categoriais conscientes de compreensão do mundo e de nós mesmos. A psicanálise, como qualquer outra disciplina científica obedeceria aos critérios da racionalidade científica. A pergunta é: que critérios e onde teriam sido eles explicitados. (LOPARIC, 1991, p. 49)



Loparic (1991, p. 49) concebe, no entanto, que seja possível trabalhar “com os critérios pressupostos pela própria psicanálise, ou seja, com sua ‘filosofia’ implícita”.

Ainda digno de nota, nesse momento, é o ensaio “Lacan e a ética do desejo perverso” (LOPARIC, 1989). Derivado de uma apresentação na Semana Jacques Lacan que teve lugar na PUC-SP em outubro de 1988, o trabalho é uma reação à publicação da tradução brasileira do seminário sobre *A ética da psicanálise* (LACAN, 1986/1988), ocorrida naquele mesmo ano. Loparic aí contrapõe a reflexão ética lacaniana à filosofia prática de Kant, assim como antes lera a epistemologia de Freud à luz da teoria kantiana do conhecimento. Faz, em síntese, uma crítica de Lacan como um mau leitor de Kant e de Heidegger (a quem, a seu ver, confundiria com Sartre). Estes equívocos resultariam, entre outras coisas, numa compreensão equivocada da temporalidade própria da experiência analítica. Este trabalho é forte candidato ao título de primeiro ensaio filosófico sobre Lacan no país, precedendo em dois anos o “Lacan: biologia e narcisismo” de Bento Prado Jr (1991d), primeiramente articulado como uma conferência no Instituto de Estudos Avançados da USP em 1990.

O que distingue a participação de Osmyr Faria Gabbi Jr neste processo de formação da filosofia da psicanálise no país é, por um lado, sua formação e seu percurso acadêmico inicial e, por outro, suas principais filiações e preferências filosóficas, que ele acabaria trazendo para sua interlocução com o campo psicanalítico. Ao contrário dos três primeiros personagens apresentados até aqui, todos filósofos de formação, Gabbi vinha de uma formação em psicologia, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, depois de ter abandonado a meio-caminho seus estudos em engenharia. Segundo seu próprio testemunho, o legado de sua formação incompleta como engenheiro foi a ideia de que a ciência precisa ser uma prática fundamentada de investigação e apresentar evidências empíricas para suas afirmações. A dificuldade de identificar quais seriam os fundamentos da investigação e da explicação psicológica aproximou-o da história e da filosofia das ciências, sobretudo a partir de seu contato com o filósofo Oswaldo Porchat, reforçando assim um interesse já existente<sup>6</sup>. Atuando como professor e pesquisador do Instituto de Psicologia da USP desde 1975 e se encarregando cada vez mais de disciplinas com um viés conceitual e epistêmico, Gabbi acabaria ingressando na Unicamp em 1983, passando a atuar, em colaboração com Loparic e Monzani que já estavam lá, junto ao Centro de Lógica e Epistemologia (CLE), cuja criação em 1977 tinha sido capitaneada por Porchat quando de sua passagem por aquela instituição entre meados dos anos 1970 e meados da década de 1980.

Ao mesmo tempo em que dava os primeiros passos na carreira docente, Gabbi preparava seu trabalho de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP, sob a supervisão da Professora Zélia Ramozzi Chiarottino – uma pesquisadora egressa da Filosofia da USP e que realizara sua formação acadêmica simultaneamente em psicologia e filosofia da ciência, tendo sido aluna de Gilles Gaston-Granger. Sua tese, intitulada *A pré-história da teoria freudiana: os materiais de construção* (GABBI, 1981a), abordava as origens do pensamento de Freud e punha em prática, pela primeira vez, o princípio metodológico que Gabbi aplicaria depois em muitos de seus estudos sobre Freud e também sobre a filosofia kantiana, a saber, que para compreender uma obra é preciso investigá-la desde o começo<sup>7</sup>. Este princípio apontava na direção de uma articulação metodológica entre história e epistemologia, entendendo-se epistemologia como uma análise interna

6 Informações fornecidas em participação do filósofo na série de entrevistas “Filosofia e Psicanálise Hoje”, organizada pelo Grupo de Trabalho em Filosofia e Psicanálise da ANPOF. Entrevista concedida em 11 de junho de 2020, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2eJp0fdr310>.

7 Cf. “Filosofia e Psicanálise Hoje: Osmyr Faria Gabbi Jr”, entrevista de 11 de junho de 2020, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2eJp0fdr310>.



sistemática de ciência, no espírito lebruniano ao qual já se fez referência (LEBRUN, 1977/2006). Embora esta “ideia de epistemologia” contemplasse também uma dimensão histórica, lado a lado com sua proposta exegética de tratar o trabalho científico como um texto, a abordagem de Gabbi apresentava antes certo ar de família com a epistemologia histórica de Canguilhem, a qual também se manifestaria em seus trabalhos posteriores (GABBI, 1999).

A temática desta pesquisa inaugural se prolongaria, assim, nos trabalhos iniciais de Gabbi como pesquisador e repercutiria ainda em realizações mais tardias, ainda que estas já estivessem intersectadas por outra ordem de preocupações filosóficas<sup>8</sup>. Seus primeiros trabalhos a retomam, tanto em termos de método quanto de objeto, endereçando-se aos primórdios do pensamento freudiano, em suas articulações internas e em seus vínculos com o contexto histórico-científico. Quatro trabalhos neste espírito foram publicados entre meados da década de 1980 e a virada dos anos 1990, três dos quais seriam reunidos depois em *Filosofia da psicanálise* (PRADO, 1991b), que elegemos como marco de fechamento deste período de fundação aqui considerado.

“A pré-história do conceito de inconsciente” (GABBI, 1984a) apresenta uma síntese dos resultados do doutoramento do autor, que permaneceram inéditos na sua formulação integral, explicitando a estrutura da rede conceitual que tornou possível a emergência da teoria do inconsciente, isto é, “os materiais de construção do edifício teórico freudiano” (p. 43). A arqueologia destes materiais procede seguindo cinco eixos conceituais – as relações entre histeria e hipnose, trauma e predisposição, normal e patológico, linguagem e representação, teoria e universal – tal como eles se apresentam no período 1886-1893 e criam as condições para a formulação do conceito de inconsciente nos anos subsequentes (1894-1896).

“Memória e desejo” (GABBI, 1985) dá prosseguimento a este trabalho, abordando justamente os passos da formulação do conceito de inconsciente anteriormente preconizada. Demonstra, em primeiro lugar, pela análise do *Projeto de uma psicologia* de 1895, como tanto a teoria da repressão quanto a tese de que o desejo constitui uma das motivações fundamentais para a vida psíquica se encontram ali formuladas, mas sob a forma de duas séries argumentativas que não se articulam: há repressão, mas não desejo na neurose; há desejo, mas não repressão nos sonhos e na atividade mental não patológica como um todo. A seguir, prossegue na análise dos trabalhos subsequentes de Freud no período 1896-1898 para mostrar como esta dicotomia é superada, reencontrando, ao final, a tese proposta no trabalho anterior de que a sexualidade infantil e os primeiros esboços do complexo de Édipo constituem a base sobre a qual se assenta a visão freudiana do inconsciente<sup>9</sup>.

Mais para o final da década, o artigo “A leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre os sonhos” (GABBI, 1989a) realiza uma cuidadosa exegese no capítulo inicial de *A interpretação dos sonhos*, demonstrando que, mais que uma simples e protocolar revisão de literatura, este capítulo cumpre uma função argumentativa e retórica, procurando fazer ressaltar a originalidade do ponto de vista freudiano e antecipando a estrutura da obra como um todo, tanto do ponto de vista lógico quanto expositivo. Até onde foi possível averiguar, este

---

8 Almeida (2004, p. 42) observa como a tese de Gabbi é um trabalho pioneiro na aproximação entre psicanálise e pragmatismo, que dá seus primeiros passos nos anos 1980, ao lado dos estudos de Soshana Felman e Jean Bellemin-Noël. Esta aproximação prepara o caminho para uma leitura crítica da psicanálise a partir do referencial da filosofia analítica que marca seus trabalhos posteriores e os singulariza no contexto da filosofia brasileira da psicanálise.

9 Gabbi remete esta tese a seu artigo “Freud e a associação livre”, publicado no suplemento *Folhetim* da *Folha de São Paulo*, mas ela se encontra também na conclusão do artigo sobre a pré-história do conceito de inconsciente (Gabbi, 1984a, 1984b).



estudo é perfeitamente pioneiro em explorar a significação da relação de Freud com a ciência dos sonhos anterior a ele. Outros trabalhos especificamente dedicados a este tema são posteriores, surgindo do início dos anos 1990 (SAND, 1992) e ganhando mais impulso já para o final da década (SAND, 1999; Pigman, 1999; entre outros)<sup>10</sup>. Gabbi retornaria ao problema do sonho – e, mais especificamente, às relações entre sonho e linguagem – no primeiro capítulo do seu *Alice e a metapsicologia* (GABBI, 1992)<sup>11</sup>, republicado mais tarde numa versão revisada como “Sonhos, pensamentos, palavras” (GABBI, 1992/2005).

Entre os trabalhos do período considerado, “Sobre a concepção da afasia e da histeria” (GABBI, 1990) retoma a perspectiva histórico-epistemológica para discutir as articulações entre a obra neurocientífica e psicanalítica de Freud – também uma abordagem inovadora na época que seria retomada, mais tarde, em sua análise do *Projeto de uma psicologia* (GABBI, 2003). O papel central da temporalidade e da memória na teoria freudiana do inconsciente é objeto de diversos trabalhos pertencentes ao período aqui considerado e seria também retomada posteriormente (GABBI, 1989b; 1993b). Este último trabalho, por sua vez, retoma os temas e argumentos apresentados, sobretudo, na última parte de “Exercícios de psicomitologia” (GABBI, 1991b), um dos mais extensos e complexos trabalhos do autor no período, merecedor de uma análise mais detalhada que, no entanto, não poderia ser realizada aqui. Por fim, Gabbi (1988) introduz a discussão da concepção freudiana do simbolismo, baseada, sobretudo, na análise clássica de Alfred Lorenzer (1970) que seria igualmente retomada e expandida em trabalhos mais tardios (GABBI, 1993a).

Gabbi se apresenta, assim, como um dos mais prolíficos autores deste período de fundação, especialmente se considerados apenas os trabalhos especificamente relacionados com a nascente filosofia da psicanálise nacional. Sua obra se singulariza por um decidido movimento em direção à filosofia analítica para a leitura crítica de Freud e da psicanálise em geral, na contramão do predomínio das tradições ditas continentais, sobretudo francesas, na recepção filosófica da psicanálise – e não apenas no Brasil. Este movimento é correlativo à importância concedida à questão da linguagem na psicanálise, para cujo tratamento serão invocados autores como Wittgenstein, Norman Malcolm, Donald Davidson, entre outros. “Exercícios de metapsicologia” parte da tese wittgensteiniana de que os enunciados psicanalíticos e psicológicos em geral são juízos estéticos e não descrições de estados de coisa num suposto mundo mental. *Alice e a metapsicologia* se apresenta como uma arqueologia da teoria freudiana da significação. Mais tarde, Gabbi (1994) apresenta seu *Freud: sentido, racionalidade e referência* como prolongamento deste trabalho anterior, em que se realiza a passagem do contrassenso da linguagem à irracionalidade do ato, avançando no trabalho de crítica de uma concepção da significação baseada na denotação e na referência e apontando a direção em que se poderia encontrar uma teoria da linguagem que fizesse jus à descoberta freudiana (COSTA, 1995; SIMANKE, 2017).

Bento Prado Jr, por sua vez, pode ser considerado o padrinho desta nova área de pesquisa na filosofia brasileira. Além de emprestar-lhe seu prestígio intelectual e contribuir com um punhado de trabalhos seminais para este momento inicial de fundação, ele o arremataria com a publicação da coletânea *Filosofia da psicanálise* em 1991, enunciando e justificando este genitivo que passaria a designar o novo campo. Embora manifestasse um interesse precoce pelo potencial filosófico da psicanálise já nos anos 1960 (NOBRE & REGO, 2000), seu engajamento nesta área se deveu, sobretudo, às circunstâncias da sua vinculação à Universidade Federal de São Carlos a partir de 1977, como membro de um restrito contingente de filósofos

---

10 A única referência crítica e analítica à leitura freudiana da literatura precedente sobre os sonhos anterior ao artigo de Gabbi é uma curta seção inicial do artigo de Lavie e Hobson (1986).

11 Embora situado fora dos marcos temporais adotados aqui para este período de *fundação* da filosofia brasileira da psicanálise (1974-1991), *Alice e a metapsicologia* inclui como capítulos trabalhos publicados anteriormente, tal como Gabbi (1991a), que reaparece como seu capítulo 7 (“O poder”, pp. 69-108).



dentro de um grande departamento interdisciplinar voltado, primariamente, para a área de fundamentos científicos e filosóficos da educação. Nesse contexto, ele se associaria a um grupo de psicólogos interessados nos fundamentos de sua ciência e dessas atividades resultariam seus primeiros trabalhos direcionados à filosofia da psicologia (PRADO, 1981; 1982) e à filosofia da psicanálise propriamente dita, como se descreve abaixo. A outra circunstância institucional a fomentar esta relação foi a sua colaboração com o Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp, criado no mesmo ano em que se vinculou à UFSCar. Esta colaboração se intensificaria com a criação da especialização em Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise em 1984, da qual participou<sup>12</sup>. Alguns anos depois, professores do FFPP como Gabbi e Monzani colaborariam, por seu turno, com o PPG em Filosofia e Metodologia das Ciências, cuja criação fora capitaneada por Prado na UFSCar (SIMANKE, 2007; 2014).

O debate que Prado empreende com a psicanálise é, mais frequentemente, indireto e se apresenta como uma discussão crítica da recepção da psicanálise em alguns de seus momentos mais característicos no âmbito da filosofia ou, mesmo, de certas tradições pós-freudianas. Seus dois primeiros trabalhos sobre psicanálise são publicados em dois números sucessivos da revista *Discurso* da USP em 1980. Em “Hume, Freud, Skinner (em torno de um parágrafo de Gilles Deleuze)” (PRADO, 1980a) – um de seus trabalhos mais característicos e originais –, ele parte da referida passagem de Deleuze em *Diferença e repetição* (1968) para examinar comparativamente os quatro autores assim nomeados com relação às suas concepções sobre o papel do hábito e da repetição na vida mental, encontrando um elemento comum em Deleuze, Hume e Freud na função transcendental que atribuem a estes elementos, enquanto condição de possibilidade para a interpretação da experiência, seja ela cognitiva ou afetiva<sup>13</sup>. Em “O neopsicologismo humanista” (PRADO, 1980b), por sua vez, ele empreende a crítica do revisionismo pós-freudiano e sua recusa do enraizamento biológico da psicanálise defendido por Freud, seguindo os passos de Marcuse a quem, no entanto, ele também criticaria mais tarde por outra espécie de abuso interpretativo. Para tanto, toma como emblemática a terapia gestáltica de Fritz Perls e os diluídos pressupostos fenomenológicos e antropológicos que justificam sua ruptura com Freud.

Um dos textos mais característicos desta “crítica da crítica” filosófica da psicanálise, “Autorreflexão ou interpretação sem sujeito: Habermas, intérprete de Freud” (PRADO, 1983) coloca em escrutínio a maneira como Jürgen Habermas, num primeiro momento, alinha Freud bastante injustificadamente com a tradição hermenêutica, para depois procurar salvá-lo dessa concepção demasiado conservadora da interpretação e, ao mesmo tempo, resgatá-lo do naturalismo científico ao qual o criador da psicanálise também teria paradoxalmente aderido (o célebre “autoengano cientificista de Freud”). Isso se realiza mediante uma aproximação entre a psicanálise, o pragmatismo linguístico e a assim chamada “gramática da linguagem ordinária”. Todo este encaminhamento resultaria numa visão excessivamente intelectualista do processo analítico, a qual se exprime na caracterização que Habermas propõe da psicanálise como *uma ciência da autorreflexão* – o principal alvo da crítica desenvolvida nesse texto<sup>14</sup>.

---

12 A participação de Prado na criação do FFPP pode ser constatada no anteprojeto de seu regimento, em que constam esboços iniciais das ementas das disciplinas programadas. Em quase todos os casos, é possível identificar quais ementas foram propostas por Gabbi, Monzani, Loparic ou Prado, levando em conta os interesses de cada um na época e sua visão da psicanálise. Documento disponível em [http://arqhist.cle.unicamp.br/uploads/r/arquivos-historicos-do-centro-de-logica-epistemologia-e-historia-da-ciencia/3/2/e/32e3f7d0ece9cbd8b1651b12b7bc9e6219761bf6bfdc1e17314e24e9e1f23e35/FFPP-AnteProjeto-P791-1984-2020\\_12\\_04.pdf](http://arqhist.cle.unicamp.br/uploads/r/arquivos-historicos-do-centro-de-logica-epistemologia-e-historia-da-ciencia/3/2/e/32e3f7d0ece9cbd8b1651b12b7bc9e6219761bf6bfdc1e17314e24e9e1f23e35/FFPP-AnteProjeto-P791-1984-2020_12_04.pdf).

13 Para um exame mais detalhado deste texto como representativo do estilo ensaístico de Bento Prado Jr, ver Simanke (2007; 2022a).

14 Uma análise sistemática deste ensaio pode ser encontrada em Safatle (2004) e Silveira (2018).



Numa perspectiva algo distinta, Prado (1988) produziu ainda um trabalho sobre “A narrativa em psicanálise, entre a história e a ficção”, numa linha de argumentação semelhante à de Michel de Certeau (1987), cujo trabalho sobre temas próximos acabara então de ser publicado. Contudo, em seus últimos trabalhos sobre psicanálise, na virada dos anos 1990, ele retornaria à crítica da recepção filosófica de Freud. “Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud” (PRADO, 1990) põe novamente em evidência um exemplo de transposição de sentido de um conceito crucial da psicanálise freudiana. Em Habermas, como se viu, o conceito de *interpretação* foi alvo de um deslocamento desse tipo. No que se refere a Marcuse, é o conceito de *desejo* que teria sido submetido a um tratamento semelhante. Bento Prado procura mostrar que, se Marcuse consegue cumprir o programa aparentemente paradoxal de recusar a metapsicologia e, ao mesmo tempo, reivindicar alguma espécie de freudismo ortodoxo, na contramão do revisionismo pós-freudiano, é porque ele opera um sutil deslizamento de sentido com o conceito psicanalítico de *desejo*. Em suas mãos, com efeito, esse conceito derivaria desde sua aceção estritamente metapsicológica de força motriz do aparelho psíquico para uma significação próxima à que ele assume no âmbito da tradição dialética.

Já no artigo “Georges Politzer: sessenta anos da *Crítica dos fundamentos da psicologia*”, apesar da simpatia que manifesta pelo projeto politzeriano de uma “psicologia concreta” e do reconhecimento da influência duradoura este exerceu sobre boa parte do pensamento francês posterior sobre a psicanálise, Prado (1991c) também rastreia até este trabalho – que, em diversos sentidos, pode ser considerado inaugural para a filosofia da psicanálise – uma tradição de leitura de Freud que se pauta pela recusa da metapsicologia e por uma avaliação fortemente negativa de seus méritos, sobretudo quando se a compara com as virtudes atribuídas ao *método*, à *prática* e à “*descoberta*” freudiana. Nesta tradição se podem incluir Roland Dalbiez, com o seu *O método psicanalítico e a doutrina de Freud*, Jean Hyppolite e sua leitura de Freud a partir de certa interpretação do referencial hegeliano e Paul Ricoeur, cujo *Da interpretação* pode ser considerado como a culminação desta tendência e sua mais sofisticada realização e que, se não rejeita propriamente da metapsicologia, acaba por subordiná-la à dimensão clínica e crítica do pensamento de Freud.

Por fim, “Lacan: biologia e narcisismo (ou a costura entre o real e o imaginário)” é um trabalho distinto dos anteriores, que aborda e analisa diretamente a obra lacaniana, concentrando-se nos dois primeiros anos do Seminário (1953-1955), para discutir o recurso inesperado à etologia ou biologia do comportamento na fundamentação da teoria do imaginário que o autor então desenvolvia e reformulava. Num sentido mais amplo, o trabalho se propõe a dar início a um projeto de “leitura *filosófica* de Lacan”, isto é, a elucidar o uso que este autor faz “dos instrumentos fornecidos pela tradição filosófica” (PRADO, 1991d, p. 53, grifos do autor). Naquilo em que este artigo específico a aborda, esta filosofia lacaniana se endereçaria ao *problema da constituição dos objetos*, numa tradição se estendendo de Kant a Husserl. Contudo, num curso proferido no ano seguinte sobre as relações entre Lacan e Hegel e apenas recentemente publicado (PRADO, 2022), esta visão das implicações filosóficas do pensamento lacaniano seria consideravelmente ampliada, embora estes desenvolvimentos já saiam do escopo do presente trabalho<sup>15</sup>.

Os trabalhos de Prado sobre Politzer e Lacan foram publicados pela primeira na coletânea *Filosofia da psicanálise*, organizada por ele e elegida aqui como marco que encerra este período inicial da formação desta área de pesquisa. Além de nomeá-la, ele define o seu sentido geral, que seria desenvolvido e detalhado depois (SIMANKE, 2010b):

O genitivo presente no título deve ser lido com duplo sentido. Filosofia da *psicanálise*, já que se trata de uma reflexão que faz do discurso e da teoria freudianos seu objeto; mas também *filosofia* da psicanálise, já que se trata da filosofia

15 Uma análise detalhada deste curso e de sua contribuição para a construção do pensamento filosófico de Bento Prado Jr pode ser encontrada em Simanke (2019; 2022b).

que a psicanálise parece impor aos filósofos, exigindo mudanças cruciais no aparato conceitual que faz a tradição da própria filosofia. (PRADO, 1991a, p. 8, grifos nossos)

Cabe discutir ainda os traços comuns que perpassam estas produções fundadoras, o que aproxima ou distingue seus protagonistas, a fim de esboçar um quadro mais sintético deste período.

### Uma epistemologia da psicanálise: perfil e argumentos

Os pesquisadores cujos trabalhos foram resumidamente apresentados aqui manifestam um perfil filosófico e profissional bastante variado. Monzani, Loparic e Prado são filósofos profissionais e assim permaneceram. Todos se defrontaram com a psicanálise em circunstâncias várias, em algum momento de seus itinerários que partiram de interesses filosóficos diversos: o positivismo de Comte (MONZANI), Bergson, Sartre e Rousseau (PRADO), filosofia da ciência, Kant e Heidegger (LOPARIC). Mezan parte de uma formação em filosofia, descobre a obra de Freud e, com o tempo, faz da psicanálise seu campo principal de atuação: embora o olhar filosófico nunca desapareça por inteiro, é predominantemente como psicanalista que ele se manifesta. Gabbi realiza um percurso inverso, partindo de uma formação e de uma atuação acadêmica inicial em psicologia em direção à filosofia. Sua produção intelectual se concentra na análise, crítica e tradução das obras e teorias psicanalíticas. As extensas pesquisas que realizou em outras áreas (o pensamento kantiano, Wittgenstein, filosofia analítica) mais raramente se materializaram em obra publicada.

O elemento comum dentro desta diversidade é o estudo da psicanálise. Mais precisamente, o período aqui considerado é dominado pela ideia de uma *epistemologia da psicanálise*, que fornece, por assim dizer, a primeira figura da filosofia da psicanálise no Brasil. Todos os nossos autores a praticaram de uma maneira ou de outra e vários deles se dedicaram a refletir sobre seu sentido e a elucidá-lo. Compreender este momento de fundação da filosofia na psicanálise entre nós passa, assim, por esclarecer os sentidos atribuídos a esta ideia de uma epistemologia da psicanálise e o debate em torno dessas concepções.

Monzani foi o primeiro a formalizar e explicitar essa noção de epistemologia da psicanálise na introdução de seu *Freud: o movimento de um pensamento*, cuja redação data, pelo menos, de 1982, ano da defesa de seu doutoramento do qual o livro resultou. Retomando a distinção de Gerard Lebrun entre uma filosofia racionalista e normativa da ciência e uma abordagem internalista nomeada como “epistemológica”, Monzani a adapta ao estudo da obra freudiana distinguindo-a tanto da filosofia da ciência quanto de uma abordagem genealógica:

Pode-se também (...) tomar um discurso científico e conferir-lhe o “estatuto de um texto”, tratá-lo como uma rede, um tecido de significações que vale a pena ser explicitado, comentado, discutido e interpretado. (...) Se se concorda em denominar a primeira dessas tarefas como sendo do domínio da filosofia das ciências e a segunda como sendo do campo da história das ciências, poder-se-ia, então, denominar este último trabalho de *epistemologia*. Nesse sentido, e só nesse sentido, o presente projeto pode ser considerado um questionamento epistemológico à obra de Freud. (MONZANI, 1989/2014, p. 26, grifos nossos)

Um pouco antes da publicação relativamente tardia de seu *Freud* em 1989, Monzani retornaria mais extensamente a esta caracterização da epistemologia da psicanálise. Tal como em 1982, ele a opõe, por um lado, à história e à filosofia da ciência e, por outro, à estratégia de ler Freud através do crivo de um sistema filosófico, cujo exemplo maior é sempre o *Da interpretação* de Ricoeur e sua visão hermenêutico-fenomenológica da psicanálise. Estas abordagens compartilhariam o pecado metodológico de utilizar uma norma externa e supostamente arbitrária para a compreensão das obras psicanalíticas, contrastando com a leitura interna e imanente sintetizada na ideia de epistemologia:

A epistemologia de uma determinada disciplina que se quer ciência pretende algo um pouco diferente. Embora pretenda também investigar os modos de procedimento de uma disciplina, ela não se reduz a isso e, sobretudo,

●  
●

sua intenção não é a de instaurar um tribunal em que as diferentes disciplinas irão humildemente depositar seus “títulos de direito” para serem julgadas segundo regras predeterminadas. Ela parte de outro ponto de vista que, no caso da psicanálise (...) tem-se revelado bem mais frutífero. Em primeiro lugar, parte da ideia de que cada domínio científico tem seu contorno e sua especificidade própria e que é inútil tentar instaurar um ideal unitário de ciência. Em segundo lugar, procura, no interior de cada discurso, conferir-lhe o “estatuto de um texto” (LEBRUN) e tratá-lo como uma rede ou um tecido de significações que vale a pena ser comentado e explicitado. Em terceiro lugar, a partir dessa análise interna, procurará estabelecer o conjunto de critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão e qual o critério e a ideia de verdade que daí brotam. (MONZANI, 1988/1991, p. 131)

Mais ou menos na mesma época em que Monzani concluía seu doutoramento, Mezan também se manifestava sobre o sentido geral que a ideia de uma epistemologia da psicanálise pudesse ter. Numa resenha tripla publicada em francês em 1983 e republicada mais tarde na *Revista Ide* e na coletânea *A vingança da esfinge* (MEZAN, 1983; 1983/1987; 1983/2002), ele alinhava as três obras comentadas em torno desta questão comum – central em Assoun (1981) e Valabrega (1980) e relativamente periférica em Aulagnier (1979). Enquanto Monzani defendia enfaticamente as virtudes de uma epistemologia da psicanálise no sentido definido acima, a atitude de Mezan é mais reservada e cautelosa. Ele parte do fato consumado de que a ideia de epistemologia se consolidava no vocabulário dos estudos psicanalíticos naquele momento:

Analistas e filósofos se questionam, há bastante tempo, sobre a racionalidade própria à psicanálise. Mas só recentemente qualificaram de epistemológico este gênero de pesquisa, que parece ter por objeto tanto o modo de conceituação próprio à disciplina freudiana quanto uma eventual contribuição freudiana para uma teoria geral do conhecimento. São dois problemas diferentes, mas eles convergem quando o objeto a ser conhecido é a própria teoria psicanalítica: que se pode dizer da maneira pelo qual os psicanalistas tentam pensar o objeto de sua prática? Em que sua maneira de inventar conceitos é diferente da racionalidade admitida em ciência ou em filosofia? (MEZAN, 1983/2002, p. 47)

A partir daí, o autor se pergunta, referindo-se às obras resenhadas: “No que elas nos esclarecem sobre uma eventual epistemologia da psicanálise?” (MEZAN, 1983/2002, p. 47, grifos nossos). Sua leitura é mais enfaticamente crítica da tese de uma epistemologia imanente ao freudismo defendida por Assoun e considera com mais simpatia as contribuições epistemológicas que se podem encontrar nos trabalhos de Valabrega e Aulagnier, de escopo mais amplo. Seja como for, sua conclusão, ainda que aponte para o caráter promissor da ideia de uma epistemologia da psicanálise, mantém uma atitude reservada e se preocupa em apontar seus limites:

A epistemologia da psicanálise permanece até este momento com um amplo futuro à sua frente (...). Ela pode e deve fazer uso do que a psicanálise conseguiu estabelecer sobre a atividade de pensar em geral e sobre a atividade teórica em particular; seria apenas um paradoxo a mais que a psicanálise viesse fornecer uma parte dos materiais para a elaboração de sua própria epistemologia. Esta, no entanto, pode ter por objeto apenas os dispositivos de racionalidade instaurados pela prática analítica, sem se confundir com esta prática nem com a teoria psicanalítica *stricto sensu*. (MEZAN, 1983/2002, p. 65)

Em suma, epistemologia da psicanálise para Mezan é a análise das formas de racionalidade intrínsecas ao pensamento psicanalítico, desde que essa se abstenha de legislar sobre os métodos e as estratégias de teorização próprias desta disciplina. Mais que isso, ela deve levar em conta a contribuição da psicanálise para o problema do conhecimento enquanto tal, mesmo que esta contribuição se configure mais como uma psicologia do conhecimento – considerando, como exemplifica Mezan, as relações entre fantasia e teoria ou entre angústia e pensamento – do que como uma abordagem estritamente epistemológica.

Esta mesma preocupação com os limites de uma leitura epistemológica de Freud se manifesta no comentário de Mezan (1991) à intervenção de Loparic no *Simpósio sobre o Inconsciente*, organizado na



PUC-SP em 1989 pela professora e psicanalista Felícia Knobloch<sup>16</sup>, com a mesma combinação de reconhecer o valor da epistemologia e alertar para o cuidado de não comprometer a especificidade e a originalidade da psicanálise. Loparic, por sua vez, parte da interrogação filosófica da ciência e é nesse contexto que a psicanálise entra inicialmente em sua agenda. Compreensivelmente, ele expressa muito menos reservas a uma crítica epistemológica da psicanálise e boa parte de sua argumentação parte da legitimidade desta crítica, visando preparar o terreno para uma aproximação produtiva entre a epistemologia e a psicanálise – para uma política de “boa vizinhança entre a psicanálise e a epistemologia” (LOPARIC, 1991, p. 46).

Para tanto, é preciso, por um lado, afastar a tese defensiva segundo a qual a psicanálise estaria acima e além da crítica filosófica e, por outro, o preconceito do epistemólogo que duvida que a psicanálise possa ser tratada como uma ciência. A epistemologia da psicanálise que Loparic propõe, no entanto, não é análise interna e estrutural da teoria freudiana delineada por Monzani. Tampouco se trata de explicitar uma epistemologia original imanente, EXIGIDA e implicada pela descoberta freudiana e o modo próprio de racionalidade que esta traz consigo: “A psicanálise, como qualquer outra ciência, obedeceria aos critérios de racionalidade científica. A pergunta é: que critérios e onde teriam sido eles explicitados” (LOPARIC, 1991, p. 49, grifos nossos).

Trata-se, antes, de situar historicamente esta descoberta e identificar, na história da filosofia e no contexto filosófico em que a psicanálise nasceu, qual teoria do conhecimento e visão da ciência teria sido, consciente ou inconscientemente, explícita ou implicitamente, adotada por Freud e, a partir disso, interpretar, à luz dessa concepção, os conceitos psicanalítico fundamentais. Para Loparic, a epistemologia freudiana se encontra numa relação de filiação direta ou indireta – através de autores como Fechner e Helmholtz – com a tradição kantiana, que informa boa parte do debate sobre a natureza do conhecimento científico no mundo germânico precedente e contemporâneo a Freud:

Qual é, então, poderíamos perguntar, o verdadeiro filão epistemológico-filosófico para ler Freud? A resposta é dada por ele próprio no fim da primeira seção de *O inconsciente*. A psicanálise, escreve Freud, foi elaborada na continuação do criticismo kantiano que, corrigindo o senso comum, chamou a atenção pelo condicionamento subjetivo da nossa percepção, mostrando que o fenômeno percebido não é idêntico à coisa em si, incognoscível. A psicanálise, acrescenta Freud, faz notar que o psíquico em si, assim como o físico, não precisa ser tal como nos aparece. (LOPARIC, 1991, pp. 50-51)

Desta associação com o programa kantiano para as ciências e sua metodologia resultariam as características da epistemologia freudiana, sobretudo uma concepção antirrealista da metapsicologia e o caráter convencional ou instrumental de seus conceitos.

Gabbi, como se viu acima, também considera a psicanálise do ponto de vista da filosofia das ciências e do princípio de que, seja qual for a concepção de ciência em pauta, toda disciplina digna desse nome deve explicitar a base empírica a partir da qual suas generalizações são feitas, assim como as estratégias de validação de seus enunciados. Um traço que, tal como Loparic, o distingue de autores como Monzani e Mezan é considerar a epistemologia da psicanálise como um caso particular do problema mais amplo da cientificidade da psicologia e das ciências da mente como um todo, na contramão da preocupação com a especificidade da psicanálise. Gabbi vê a epistemologia da psicologia e da psicanálise como uma possibilidade de reflexão sobre a ciência que faz par com uma abordagem sociológica:

---

16 A publicação da coletânea resultante deste Simpósio (Knobloch, 1991) é, ela mesma, um marco deste período de fundação da filosofia da psicanálise no Brasil, reunindo, além de Mezan e Loparic, filósofas como Maria Lúcia Cacciola e Scarlet Marton, além de contribuições filosoficamente informadas de psicanalistas como Elias da Rocha Barros e Nelson Coelho Jr.

A maioria das análises feitas sobre a psicologia está centrada em torno de dois pontos: um relativo ao estatuto do conhecimento psicológico e outro referente às relações entre o psicológico e o extrapsicológico. (...) vou chamar o primeiro ponto de *questão epistemológica*. Nesta, a indagação volta-se para uma avaliação dos pressupostos filosóficos, relativos ao conhecimento, colocados em prática, de uma forma geral, pela psicologia. O segundo ponto, que se pode designar de *questão sociológica*, refere-se aos limites exteriores da pesquisa psicológica, ou seja, às condições de possibilidade de sua existência enquanto prática social (...). (GABBI, 1991b, p. 2, grifos do autor)

Gabbi aplicara esta concepção de epistemologia mais especificamente à psicanálise numa conferência proferida na I Semana de Filosofia da USP em 1986, publicada no mesmo ano no suplemento *Folhetim da Folha de São Paulo*, com o título “A crise conceitual da psicanálise”<sup>17</sup>. Ele parte das críticas de Thomas Nagel à cientificidade da psicanálise, ainda que sem endossar a concepção de ciência a partir da qual estas críticas foram feitas, e fornece um vislumbre de qual seria, a seu ver, o tipo de questão que uma epistemologia desta disciplina deveria formular:

Pretendo apoiar a tese de que ele [Nagel] coloca uma questão extremamente relevante para a epistemologia da psicanálise; ou seja, qual o critério de identidade dos enunciados analíticos, o que permite afirmar que esse enunciado pertence à teoria psicanalítica, enquanto aquele outro não? (GABBI, 1986, p. 4)

Já na conclusão de seu argumento, o autor enuncia a alternativa entre uma visão sociológica ou epistemológica da ciência, ao esboçar quais seriam as soluções possíveis para a crise conceitual de que trata o texto desde a perspectiva de uma epistemologia da psicanálise:

A segunda forma [de solução] apresenta um caráter mais estritamente epistemológico. Ela parte de suposição de que a crise pode ser equacionada a partir de uma análise dos conceitos que ocorrem nos textos onde a psicanálise foi formulada (um exemplo desse tipo de pesquisa poderia ser o estatuto das metáforas no texto freudiano – não para associar livremente a partir delas, mas sim para recuperar, refazer seu uso preciso [...]). Esse trabalho lento e necessariamente coletivo poderá progressivamente criar as condições para que se estabeleçam parâmetros para a resolução do problema da identidade conceitual da psicanálise. (GABBI, 1986, p. 5)

O *método* de uma análise da estrutura conceitual interna das teorias psicanalíticas reaparece assim, mas situado no contexto ampliado de uma reflexão sobre a natureza geral do conhecimento psicológico e do conhecimento científico como um todo.

Bento Prado Jr, por fim, não se pronunciou a respeito de uma visão própria sobre o que seria uma “epistemologia da psicanálise”. Há pouca razão para surpresa nisso quando se considera o estilo de sua relação com a psicanálise, que se endereçava mais a uma leitura crítica de sua recepção na filosofia do que a um engajamento direto com os textos psicanalíticos. Numa manifestação precoce de interesse filosófico pela psicanálise, ele declarou a Jules Vuillemin ter considerado, após a conclusão de sua tese de livre-docência sobre Bergson, a ela se dedicar: “Penso em fazer algo como a lógica da psicanálise, entendendo por lógica da psicanálise *uma espécie de epistemologia*” (NOBRE & REGO, 2000, p. 210, grifos nossos). Esta intenção, como se sabe, não vingou, e os anos posteriores foram dedicados à retórica rousseauísta, antes que a psicanálise retornasse à sua agenda nas circunstâncias comentadas acima, com sua orientação mais característica, distante de qualquer viés epistemológico. Prado chegou a esboçar e iniciar um trabalho que se intitularia “1895-1900: o nascimento do conceito freudiano de interpretação”, abordando a transição entre o *Projeto* freudiano de 1895 e *A interpretação dos sonhos* em termos de uma inversão na qual a interpretação dos fenômenos psicológicos

17 Esta circunstância evidencia, ainda, como a “epistemologia” serviu como uma rubrica para incorporar a reflexão sobre a psicanálise no âmbito da filosofia acadêmica nacional. Ela testemunha, também, sobre a disseminação desse diálogo para um público mais amplo, de tal modo que um suplemento cultural de um jornal da grande imprensa pudesse ter por tema “Por uma epistemologia da psicanálise”. Monzani (1988/1991b, p. 109), comentaria um pouco depois como a psicanálise andava, então, “na moda”.



deixa de se fundamentar no modelo teórico do aparelho psíquico para preceder e condicionar a própria formulação e estrutura da teoria. Ao que tudo indica, este trabalho deveria ter por método o procedimento “epistemológico” que encontramos em outros trabalhos da época, procedendo por uma análise internalista da estrutura argumentativa e conceitual dos textos relevantes. É o que se pode depreender do que dele foi efetivamente publicado, como uma longa nota de rodapé acrescentada por Prado (1980a, pp. 10-13) a seu ensaio “Hume, Freud, Skinner”, onde é também anunciada a publicação próxima do texto integral na *Revista Almanaque*, por ele editada, que acabou não se concretizando<sup>18</sup>. Com isso, apenas seu trabalho sobre Lacan (PRADO, 1991d) acabaria sendo realizado através de um comentário direto do texto psicanalítico, ainda assim de forma consideravelmente distinta da análise epistemológica mais frequente e muito mais engajado na construção do pensamento filosófico original do autor (SIMANKE, 2019; 2022b).

Deste modo, a contribuição principal de Prado para a compreensão do papel histórico que a ideia de uma epistemologia da psicanálise desempenhou na formação da área de estudos filosóficos sobre esta disciplina no país foi, talvez, assinalar o momento preciso da sua superação, retomando o que já fora sugerido por Monzani dois anos antes. Com efeito, na mesma apresentação do seu *Filosofia da psicanálise* em que a nomeia e lhe propõe uma primeira definição, podemos ler também:

Este livro é um dos frutos dessa colaboração universitária [entre UFSCar e Unicamp], segundo um estilo que vale a pena sublinhar liminarmente. Os vários ensaios que seguem abordam a psicanálise de perspectivas diferentes: visam a gênese de alguns conceitos básicos da metapsicologia, ou o lugar que ocupam na estrutura da teoria ou, ainda, a recepção (sempre problemática) reservada à psicanálise pelos filósofos. O título, a *Filosofia da Psicanálise*, sublinha, no entanto, o que há de comum nesses diferentes trabalhos e aponta para a unidade do livro. *Uma unidade que não se revela à simples menção do caráter “epistemológico” de todos os ensaios* (como já observava Luiz Roberto Monzani, a propósito de outro texto, no sumário com que abre sua tese, ‘Freud: o movimento de um pensamento’). (PRADO, 1991a, p. 7-8, grifos nossos)

O comentário de Monzani referido nessa passagem se encontra no prefácio datado de 1988, redigido para a publicação de sua tese em 1989:

Conservei, na introdução, uma série de considerações a respeito da natureza do trabalho que ofereço ao leitor e que rotulo de “epistemológico”. Confesso que, para mim, hoje, essa é uma questão secundária. Deixei-a apenas como testemunho de um modismo que fez época. Hoje tenha tendência a pensar que, se existe uma teoria da leitura como compreensão das articulações de um texto, ela é a mesma nos seus pressupostos gerais e básicos, e pode ser aplicada seja a Descartes, seja a Freud, seja a Laclos ou às “Eddas” mitológicas ou heroicas. (MONZANI, 1989/2014, p. 14)

Assim, nas palavras de dois de seus principais arquitetos, a filosofia brasileira da psicanálise amadurece e toma consciência de si como uma nova área de pesquisa *pela ultrapassagem de seu momento epistemológico inicial*. Resta, para caracterizá-la, explicitar os principais problemas de que se ocupa. Para tanto, como enunciado acima, propuseram-se quatro grandes argumentos que delineiam este campo inicial de problemas. Estes argumentos serão rapidamente sintetizados a seguir.

O primeiro é um *argumento analítico*, que se encontra presente de uma forma ou de outra em todos os autores. Ele enuncia um consenso básico que está na raiz do próprio surgimento desta área de pesquisa: a filosofia tem algo a dizer a respeito da psicanálise, a respeito de sua estrutura conceitual e da lógica de construção de suas teorias, de seus compromissos e filiações científicas e filosóficas. Mesmos os mais cautelosos com relação a esta aproximação admitem esta possibilidade e se engajam nesta tarefa, ao menos como um ponto de partida que possa requerer uma complementação distinta num segundo momento: “Nosso

---

18 Prado, provavelmente, pretendia incluí-lo no número 12 da revista, publicado em 1981, que contém diversas contribuições sobre psicanálise, incluindo o artigo de Gabbi (1981b), sobre a estrutura retórica dos *Três ensaios de Freud*, que se conta entre seus primeiros trabalhos publicados.



trabalho tem, pois, estes pressupostos e estes objetivos: ler Freud como se fosse um filósofo, buscando a articulação de seus conceitos e a lógica subterrânea que comanda a sua produção” (MEZAN, 1982, p. xvii).

Esta aposta, como se viu, está pressuposta pela própria definição de uma epistemologia da psicanálise, tal como definida canonicamente por Monzani. Ela se propõe a “elaborar uma leitura interna do discurso psicanalítico, examinar seus contornos próprios, suas linhas de projeção, a articulação das teses entre si, o modo de validação etc.” (MONZANI, 1988/1991b, p. 128); através de “uma leitura atenta e rigorosa dos textos de Freud, de sua significação e de suas implicações” (p. 128), procura “delimitar o conjunto das regras e dos procedimentos que regulam a constituição do campo psicanalítico” (p. 129).

Monzani opõe esta concepção de análise filosófica à filosofia e a história normativa das ciências, por um lado, e, por outro, à leitura da psicanálise pelo crivo de um sistema prévio que lhe imponha uma filosofia estrangeira, seja ela o mecanicismo ou a hermenêutica. Gabbi, como discutido acima, define sua epistemologia em termos semelhantes e a emparelha com uma sociologia da ciência que procede por uma explicação contextual e externalista. Mezan, ao discutir as limitações desta análise conceitual, propõe que ela seja complementada pela referência à história, à clínica e à cultura. Mesmo Loparic e Bento Prado – os dois autores aqui considerados mais distantes desta metodologia – a admitem como uma possibilidade e a praticaram ocasionalmente. Loparic (1985), embora considere Freud desde a perspectiva de certa filosofia da ciência e da tradição filosófica que ela pressupõe, não se furta a uma análise interna dos textos para expor as *estratégias argumentativas* que o criador da psicanálise utiliza para rebater as críticas que lhe foram endereçadas. Prado (1991a, p. 7), embora focado na recepção da psicanálise e na exploração de aspectos por vezes inesperados de seu potencial filosófico, não deixou de incluir a elucidação da gênese dos conceitos metapsicológicos e do “lugar que ocupam na estrutura da teoria” entre os objetivos de uma filosofia da psicanálise, além de ter realizado algo semelhante em sua confrontação com a teoria lacaniana (PRADO 1991d; 2022).

Como contrapeso a este argumento analítico, toma forma também um *argumento defensivo*. Segundo este argumento, a aproximação da psicanálise desde a perspectiva da filosofia deve se precaver de qualquer espécie de colonização filosófica do campo psicanalítico, de impor uma filosofia à psicanálise ou de reservar à filosofia a última palavra a respeito da verdade da psicanálise. Esta atitude encontra suas raízes na retórica antifilosófica de Freud e na maneira como esta foi assimilada por alguns autores pioneiros de sua interpretação filosófica, tal como Ricoeur (RAICOVIC, 1994). Tratar-se-ia, enfim, de se precaver contra a eventualidade de que a novidade intelectual representada pela psicanálise viesse a ser triturada na maquinaria desta ou daquela ortodoxia filosófica. Embora nem todos nossos autores tenham se ocupado desta questão – Loparic e Gabbi, por exemplo – ela é uma preocupação central nos demais. Em vários de seus principais trabalhos, Prado (1983; 1990; 1991c) faz uma leitura crítica de diversas interpretações filosóficas de Freud – sempre problemáticas, diz ele, como se viu anteriormente – nos aspectos que considera abusivos ou distorcidos. Monzani opôs sua epistemologia da psicanálise a este tipo de leitura. Mezan (1982, p. xiv) se preocupa, desde o início, se a disseminação da psicanálise e sua apropriação por outros discursos, inclusive o filosófico, “lhe amputa o gume crítico” e se propõe, já a partir de seu segundo trabalho, a uma nova leitura da obra freudiana, para além da dimensão exclusivamente conceitual (MEZAN, 1985/2006).

Contudo, a própria possibilidade de uma exploração filosófica da psicanálise requer a superação dessas ressalvas, ainda que de forma cuidadosa e ponderada. Toma forma, assim, o que se pode designar como um *argumento conciliador*: para além de sua heterogeneidade, para além da irredutibilidade da psicanálise ao discurso, aos métodos e aos pressupostos da filosofia, esta aproximação deve ser possível e frutífera de alguma maneira. Loparic (1991), por exemplo, parte do argumento defensivo – “a psicanálise estaria, no essencial, além do alcance da crítica filosófica” (p. 45) e “a filosofia do conhecimento psicanalítico parece



ofender tanto o ofício do psicanalista quanto o do filósofo” (p. 46) – para procurar superar o caráter problemático desta relação. Para tanto, identifica o ponto de contato com filosofia no próprio Freud, que teria reconhecido a filosofia crítica como uma aliada e reservado a ela um espaço próprio na construção da teoria, razão pela qual a arqueologia dessa relação pode ser elucidativa. Mezan (1982, p. xii), por sua vez, justifica uma abordagem filosófica da psicanálise relativizando a polêmica antifilosófica de Freud: “o que Freud critica com tanta veemência é uma imagem da Filosofia, vista do exterior, mais do que o trabalho filosófico propriamente dito”. Mesmo Gabbi, o mais crítico de nossos autores, considera a psicanálise representativa de impasses clássicos do campo psicológico que foram amplamente discutidos em história e filosofia das ciências.

Esse argumento conciliador prepara o caminho para o último aspecto dessa epistemologia da psicanálise que, na verdade, assinala os seus limites e abre caminho para novas possibilidades de interlocução, a saber, o que chamamos aqui de *argumento indutor*. Trata-se, em suma, de reconhecer que não apenas a filosofia interroga a psicanálise, mas que esta última também a questiona em contrapartida, propondo novos problemas e, talvez, novas estratégias para abordá-los. Bento Prado (1991a, p. 8) inclui essa possibilidade na sua própria definição de filosofia *da* psicanálise: esse genitivo pode também denotar a “filosofia que a psicanálise parece impor aos filósofos” e, nesse sentido, extrapola a epistemologia entendida como análise interna das teorias. Mezan (1982), na introdução de *A trama dos conceitos*, também enfatiza o potencial renovador da psicanálise ao incidir sobre a reflexão filosófica, sob a forma da “provocação freudiana” endereçada a suas diversas áreas e questionando suas pressuposições: a objetividade do conhecimento (epistemologia), a mística da inspiração (estética), o livre-arbítrio (ética), o conceito de indivíduo (filosofia das ciências sociais), a transcendência do divino (filosofia da religião).

Enfim, o argumento indutor completa este esboço de um quadro de referência para pensar o surgimento da interrogação filosófica do pensamento psicanalítico no Brasil e delinear os contornos de sua configuração inicial, propondo que fazer filosofia da psicanálise não precisa significar apenas filosofar *sobre* a psicanálise ou, mesmo, *com* a psicanálise, mas também – e fecundamente – *a partir* da psicanálise (Simanke, 2010b).

## Conclusão

O quadro aqui traçado é inevitavelmente incompleto, por duas razões. Em primeiro lugar, seria impossível, neste espaço, se aprofundar no pensamento dos autores resenhados e sobre cada um deles haveria muito mais a dizer. O objetivo foi apenas identificá-los, situar o papel que desempenharam na formação desta área de pesquisa, indicar e localizar os aspectos de sua reflexão, os trabalhos em que estes se encontram expressos e que lhes garante esse lugar e esse papel fundador. O aprofundamento necessário tem que ser realizado, seja em trabalhos monográficos dedicados a cada pensador, seja a um trabalho de maior fôlego, que possa apresentá-los em conjunto em maior detalhe. Este artigo é um passo inicial de uma pesquisa em andamento a ser conduzida nessas duas direções.

A outra razão de incompletude é que os autores aqui efetivamente abordados formam um subgrupo consideravelmente reduzido do conjunto de personagens – e suas respectivas obras – que é necessário cobrir para completar este quadro do nascimento da filosofia da psicanálise no contexto nacional. Por mais decisivo que tenha sido seu papel fundador, outros pesquisadores e instituições atuavam ou estavam prestes a iniciar sua atuação no período considerado, isto é, até o início dos anos 1990. Pesquisadores que, oriundos do campo psicanalítico ou da saúde mental, se encaminhariam em direção à filosofia ou que fariam o caminho inverso, como a maioria daqueles que foram abordados aqui, em outros contextos regionais e institucionais. Um rápido

inventário dos nomes próprios relevantes, provavelmente também incompleto, mostra a amplitude do terreno que ainda falta cobrir: Joel Birman e Luiz Alfredo García-Roza, atuando na UFRJ e no então recém-criado PPG em Teoria Psicanalítica; Ernani Chaves, com formação em São Paulo, mas que muito cedo se vinculou à UFPA; Vincenzo di Matteo, em Pernambuco; um grupo mineiro que incluía pesquisadores como Walter Evangelista e Carlos Drawin; e, ainda no contexto paulista, outros autores como Alfredo Nafah, Nelson Coelho Jr e Camila Salles Gonçalves. Será necessário considerar ainda mais um grupo de pesquisadores na área da filosofia acadêmica que, embora não tivessem na filosofia da psicanálise sua área principal de atuação, com ela interagiram e, além disso, desempenharam um importante *papel formativo*, preparando novos pesquisadores que depois integrariam este campo. Além de Marilena Chauí, cuja atuação já foi comentada aqui, poderiam ser mencionadas Maria Lúcia Cacciola, Osvaldo Giacoia, Scarlett Marton, entre outros.

As dimensões assumidas por este campo de estudos em filosofia da psicanálise, mesmo se considerando apenas seu momento de fundação, torna difícil abarcá-la com um único olhar. Esta breve nota conclusiva se destina apenas a fornecer um vislumbre do trabalho que ainda resta por fazer.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA PAULISTA DE PSICOLOGIA (2007). Notícias dos acadêmicos e laureados. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 27 (1), 120-126.

ALMEIDA, J. J. R. L. (2004). *A compulsão à linguagem na psicanálise: teoria lacaniana e psicanálise pragmática*. Tese de doutoramento não publicada. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

ANDRADE, A. (1933). *A verdade contra Freud*. Rio de Janeiro: Editora Schmidt.

\_\_\_\_\_. (1936) *Da interpretação na psicologia: crítica aos fundamentos da psicologia contemporânea. Ensaios de reelaboração sistemática de uma psicologia dinâmica como base de uma teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

\_\_\_\_\_. (1957). *El psicoanálisis visto a la luz de la fisiología y de la psicología contemporáneas*. Buenos Aires: [s. n.].

ARANTES, P. E. (1994). *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)*. São Paulo: Paz e Terra.

ASSOUN, P.-L. (1981). *Introduction à l'épistémologie freudienne*. Paris: Payot.

AULAGNIER, P. (1979). *Les destins du plaisir: aliénation, amour, passion*. Paris: PUF.

BAIRRÃO, M. (2014). Prefácio à 3ª edição. In: L. R. Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento* (3ª ed., pp. 9-11). Campinas: Editora da Unicamp.

BOCCA, F. V. (2021). 'Un département français d'outre-mer' et la réception philosophique de la psychanalyse brésilienne : un effet de décolonisation In: A. Chausovsky, et al. (Ed.), *La philosophie interrompue* (pp. 141-150). Paris: L'Harmattan.

BRANDO, O. S. et al. (2015). "O movimento do pensamento de Sigmund Freud segundo Luiz Roberto Monzani". *Psicologia em Pesquisa*, 9 (1), 105-107.



- CABRAL, A. C. M. (1950). A psicologia no Brasil. *Psicologia – Boletim da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo*, 3.
- CÂNDIDO, A. (2007). A importância de não ser filósofo. *Discurso*, 23, 7-14.
- CAPONI, G. (2003). O longo braço de Goldschmidt: o paradigma uspiano na filosofia brasileira. *Tempo da Ciência*, 10 (19), 47-65.
- CERTEAU, M. de (1987). *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard.
- CHAUÍ, M. (1981). *O que é ideologia?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1984). *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- COSTA, J. F. (1995). Referência perdida. *Folha de São Paulo*, 06/11/1995. *Jornal de Resenhas* 8, p. 6.
- FERENCZI, S. (1912). Philosophie und Psychoanalyse (Bemerkungen zu einem Aufsatz des H. Prof. Dr. James J. Putnam von der Harvard Universität, Boston, USA). *Imago*, 2 (5), 519-526.
- FERNANDES, S. A. (2011). A filosofia da psicanálise na perspectiva de Luiz Roberto Monzani. In: R. T. Simanke, et. al. *O movimento de um pensamento: ensaios em homenagem a Luiz Roberto Monzani* (pp. 61-68). Curitiba: Editora CRV.
- FERREIRA, M. (2021). A compreensão filosófica da psicanálise de Donald Winnicott na perspectiva de Zeljko Loparic: aspectos fundamentais. *Revista Natureza Humana*, 23 (1), 1-37.
- FILHO, L. (1971). A psicologia no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23 (3), 113-142.
- FULGÊNCIO, L. & Simanke, R. T. (Eds.) (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Editora Escuta.
- GABBIJR, O. F. (1981a). *A pré-história da teoria freudiana: os materiais de construção*. Tese de doutoramento. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP.
- \_\_\_\_\_. (1981b). Freud: a estrutura retórica. *Almanaque: Cadernos de Literatura e Ensaio*, 12, 11-15.
- \_\_\_\_\_. (1984a). A pré-história do conceito de inconsciente. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 1, 7, 43-65.
- \_\_\_\_\_. (1984b). Freud e a associação livre. *Folha de São Paulo*, 05/02/1984. Folhetim 368, pp. 3-5.
- \_\_\_\_\_. (1985). Memória e desejo. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (Série 1), 8, 5-12.
- \_\_\_\_\_. (1986). A crise conceitual da psicanálise. *Folha de São Paulo*, 31/08/1986. Folhetim 499, pp. 4-5.
- \_\_\_\_\_. (1988). Notas sobre o conceito freudiano de símbolo. *Ciência e Cultura*, 40 (2), 1164-1167.
- \_\_\_\_\_. (1989a). A leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (Série 2), 1 (2), 213-227.



- \_\_\_\_\_. (1989b). O tempo e o inconsciente. *Ide*, 17, 21-25.
- \_\_\_\_\_. (1990). Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da psicanálise. *Discurso*, 18, 131-142.
- \_\_\_\_\_. (1991a). A origem da moral em psicanálise. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (Série 3), 1 (2), 129-168.
- \_\_\_\_\_. (1991b). Exercícios em psicomitologia. *Transformação*, 14, 1-44.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Alice e a metapsicologia: a psicanálise como teoria do contrassenso*. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (1993a). A cultura como sistema simbólico: uma concepção materialista da psicanálise. *Perspectivas*, 16, 89-97.
- \_\_\_\_\_. (1993b). A teoria do inconsciente como teoria da memória. *Psicologia USP*, 4 (1/2), 247-260.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Freud: racionalidade, sentido e referência* (Coleção CLE, Vol. 13). Campinas, SP: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (1999). Pequenas notas a 'Que é Psicologia?'. *Impulso*, 11, 27-33.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Notas a 'Projeto de uma psicologia': as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (2005). Sonhos, pensamentos, palavras. In: L. Fulgêncio & R. T. Simanke, *Freud na filosofia brasileira* (pp. 203-238). São Paulo: Editora Escuta.
- GARCÍA, R. M. & Amêndola, M. (2012). Entrevista com Loparic. In: E. O. Dias (Ed.), *Relendo a psicanálise com Loparic* (pp. 237-273). São Paulo: DWW Editorial.
- IBERTIS, C. (2011). Sentido e desejo: acerca de 'Uma revolução semântica'. In: R. T. Simanke et al. (Ed.), *O movimento de um pensamento: ensaios em homenagem a Luiz Roberto Monzani* (pp. 39-50). Curitiba: Editora CRV.
- KARPINSKA, L. (1914). Über der psychologischen Grundlagen des Freudismus. *Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse*, 2 (4), 305-326.
- KNOBLOCH, F. (Ed.) (1991). *O inconsciente: várias leituras*. São Paulo: Editora Escuta.
- LACAN, J. (1988). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LAVIE, P. & Hobson, J. A. (1986). Origin of dreams: anticipation of modern theories in the philosophy and physiology of the eighteenth and nineteenth centuries. *Psychological Bulletin*, 100 (2), 229-240.
- LEBRUN, G. (2006). A ideia de epistemologia. In: C. A. R. Moura, M. L. M. O. Cacciola & M. Kawano (Eds.). *A filosofia e sua história* (pp. 129-144). São Paulo: Cosac Naif.



- LOPARIC, Z. (1985). Resistências à psicanálise. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 8, 29-49.
- \_\_\_\_\_. (1989). Lacan e a ética do desejo perverso. In: F. Hisgail (Ed.), *14 conferências sobre Jacques Lacan* (pp. 29-52).
- \_\_\_\_\_. (1991). Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano. In: F. Knobloch (Ed.), *O inconsciente: várias leituras* (pp. 43-58). São Paulo: Editora Escuta.
- LORENZER, A. (1970). *Kritik des psychoanalytischen Symbolbegriffs*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- MARINELLI, L. & Mayer, A. (2006). Forgetting Freud? For a new historiography of psychoanalysis. *Science in Context*, 19 (1), 1-13.
- MAYER, A. (2017). Écrire l'histoire de la psychanalyse: le problème du contexte. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 30, 71-91
- MEZAN, R. (1982). *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (1983). Vers une épistémologie de la psychanalyse. *Études Freudiennes*, 21/22, 195-208.
- \_\_\_\_\_. (1987). Rumo à epistemologia da psicanálise. *Ide*, 11, 32-37. (Trabalho original publicado em 1983)
- \_\_\_\_\_. (1990). L'histoire de la psychanalyse au Brésil: deux ouvrages. *Revue Internationale d'Histoire de la Psychanalyse*, 3, 466-469.
- \_\_\_\_\_. (1991). Diálogos com Loparic. In: F. Knobloch (Ed.), *O inconsciente: várias leituras* (pp. 61-72). São Paulo: Editora Escuta.
- \_\_\_\_\_. (2002). Rumo à epistemologia da psicanálise. In: R. Mezan (Ed.), *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise* (pp. 47-65). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1983)
- \_\_\_\_\_. (2004). A horda selvagem: sobre os inícios do movimento psicanalítico. In: L. Karnal & J. A. de Freitas Neto (Eds.), *A escrita da memória: interpretações e análises documentais* (pp. 292-328). São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Freud, pensador da cultura* (7ª. ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1985)
- \_\_\_\_\_. (2014). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MONZANI, L. R. (1984). Sedução e fantasia. *Manuscrito*, 7 (1/2), 31-52.
- \_\_\_\_\_. (1987). Proposições para uma epistemologia da psicanálise. *Ide*, 14, 10-18.
- \_\_\_\_\_. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (1991a). A "fantasia" freudiana. In: B. Prado Jr (Ed.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 73-108). São Paulo: Editora Brasiliense.

- \_\_\_\_\_. (1991b). Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In: B. Prado Jr (Ed.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 109-138). São Paulo: Editora Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1988)
- \_\_\_\_\_. (2005a). A teoria freudiana do sonho. In: L. Fulgêncio & R. T. Simanke (Eds.), *Freud na filosofia brasileira* (pp. 135-144). São Paulo: Editora Escuta.
- \_\_\_\_\_. (2005b). As tópicas freudianas. In: L. Fulgêncio & R. T. Simanke (Eds.), *Freud na filosofia brasileira* (pp. 145-158). São Paulo: Editora Escuta.
- \_\_\_\_\_. (2005c). O paradoxo do prazer em Freud. In: L. Fulgêncio & R. T. Simanke (Eds.), *Freud na filosofia brasileira* (pp.159-167). São Paulo: Editora Escuta.
- \_\_\_\_\_. (2005d). O suplemento e o excesso. In: L. Fulgêncio & R. T. Simanke (Eds.), *Freud na filosofia brasileira* (pp. 125-134). São Paulo: Editora Escuta. (Trabalho original publicado em 1986)
- \_\_\_\_\_. (2008). O que é filosofia da psicanálise? *Philósophos*, 13 (2), 11-19.
- \_\_\_\_\_. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento* (3ª ed.). Campinas: Editora da Unicamp. (Trabalho original publicado em 1989)
- NOBRE, M. & Rego, J. M. (2000). *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34.
- PAIVA, V. (2015). Almir de Andrade: intelectual do Estado Novo. *História*, 34 (1), 216-240.
- PIGMAN, G. W. (2002). The dark forest of authors: Freud and nineteenth-century dream theory. *Psychoanalysis and History*, 4 (2), 141-165.
- PINTO, W. C. F. (2018). Notas para uma sistematização histórica da recepção filosófica da psicanálise no Brasil. *Revista Natureza Humana*, 20 (2), 113-122.
- PINTO, W. C. F. & Padovan, C. (2019). James J. Putnam e as origens do diálogo entre filosofia e psicanálise: apresentação, tradução e notas de 'Um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação para o trabalho psicanalítico' (1911). *Modernos e Contemporâneos*, 3 (6), 305-316.
- PINTO, W. C. F. (2021a). História e filosofia da psicanálise: fundamentos e questões de método. Entrevista com Richard Theisen Simanke. *Eleutheria*, 6 (10), 364-383.
- \_\_\_\_\_. (2021b). Por uma história e método da recepção filosófica da psicanálise: esboço de um programa de pesquisa. *Revista de Filosofia Aurora*, 33 (58), 145-168.
- PRADO JR, B. (1980a). Hume, Freud, Skinner (em torno de um parágrafo de Gilles Deleuze). *Discurso*, 12, 7-27.
- \_\_\_\_\_. (1980b). O neopsicologismo humanista. *Discurso*, 13, 87-94.
- \_\_\_\_\_. (1981). Algumas considerações sobre o behaviorismo. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 1, 29-34.
- \_\_\_\_\_. (1982) (Ed.). *Filosofia e comportamento*. São Paulo: Editora Brasiliense.



\_\_\_\_\_. (1983). Auto-reflexão ou interpretação sem sujeito: Habermas intérprete de Freud. *Discurso*, 14, 49-66.

\_\_\_\_\_. (1988). A narrativa na psicanálise: entre a história e a ficção. In: D. C. Riedel (Ed.), *Narrativa, ficção e história* (pp. 36-48). Rio de Janeiro: Editora Imago.

\_\_\_\_\_. (1990). Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse crítico de Freud. In: A. Novaes (Ed.), *O desejo* (pp. 269-282). São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (1991a). Apresentação. In: B. Prado Jr (Ed.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 7-8). São Paulo: Editora Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1991b) (Ed.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1991c). Georges Politzer: sessenta anos da 'Crítica dos fundamentos da psicologia.' In: B. Prado Jr (Ed.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 9-28). São Paulo: Editora Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1991d). Lacan: biologia e narcisismo (ou a costura entre o real e o imaginário). In: B. Prado Jr (Ed.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 51-72). São Paulo: Editora Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (2022). *Hegel e Lacan: cinco conferências em filosofia da psicanálise*. São Paulo: Editora Zagodoni

PUTNAM, J. J. (1921). A plea for the study of philosophic methods in preparation for psychoanalytic work. In: J. J. Putnam (Ed.), *Addresses on psychoanalysis* (pp. 79-96). London, Vienna, and New York: International Psycho-Analytical Press. (Trabalho original publicado em 1911)

\_\_\_\_\_. (1912). Über die Bedeutung philosophischer Anschauungen und Ausbildung für die weitere Entwicklung der psychoanalytischen Bewegung. *Imago*, 1 (2), 101-118.

RAICOVIC, P. (1994). *Le sommeil dogmatique de Freud: Kant, Schopenhauer, Freud*. Paris: Empêcheurs de Penser en Rond.

SAFATLE, V. (2004). Auto-reflexão ou repetição: Bento Prado Jr e a crítica ao recurso frankfurtiano à psicanálise. *Ágora*, 8 (2), 279-292.

SAND, R. (1992). Pre-Freudian discovery of dream meaning: the achievements of Charcot, Janet, and Krafft-Ebing. In: T. Gelfand & J. Kerr (Eds.), *Freud and the history of psychoanalysis* (pp. 215-229). Hillsdale, NJ: The Analytic Press.

\_\_\_\_\_. (1999). 'The Interpretation of Dreams': Freud and Western dream tradition. *Psychoanalytic Dialogues*, 9 (6), 725-747.

SILVA, A. A. & Marques, U. R. A. (2009). Entrevista com Zeljko Loparic. *Trans/Form/Ação*, 32 (1), 9-33.

SILVEIRA, L. (2018). Três passos para escrever sobre Freud negligenciando o conceito de pulsão: Bento Prado Jr e a denúncia da degradação intelectualista da psicanálise em 'Conhecimento e interesse'. *Sísifo*, 1 (7), 53-74.

SIMANKE, R. T. (2007). As ficções do interlúdio: Bento Prado Jr. e a filosofia da psicanálise". *O Que Nos Faz Pensar*, 22, 67-88.



\_\_\_\_\_. (2010a). Filosofia da psicanálise: inventário de um novo campo interdisciplinar. In: R. T. Simanke, et al. (Ed.), *Filosofia da psicanálise: autores, diálogos, problemas* (pp. 7-11). São Carlos, SP: EDUFSCar e CAPES.

\_\_\_\_\_. (2010b). O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é. In: R. T. Simanke, et al. (Ed.), *Filosofia da psicanálise: autores, diálogos, problemas* (pp. 13-32). São Carlos, SP: EDUFSCar e CAPES.

\_\_\_\_\_. (2011a). A arte da leitura e os efeitos do pensar: uma introdução ao pensamento filosófico de Luiz Roberto Monzani. In: R. T. Simanke et al. (Ed.), *O movimento de um pensamento: ensaios em homenagem a Luiz Roberto Monzani* (pp. 15-38). Curitiba: Editora CRV.

\_\_\_\_\_. (2011b). As múltiplas dimensões de uma filosofia da psicanálise. In: C. Murta, F. V. Bocca & R. T. Simanke (Eds.), *Psicanálise em perspectiva II* (pp. 9-13). Curitiba: Editora CRV e CAPES.

\_\_\_\_\_. (2014). Reflexões sobre a área de pesquisa Filosofia da Psicanálise: um depoimento sobre sua constituição em São Paulo. *Analytica – Revista de Psicanálise*, 3 (4), 201-228.

\_\_\_\_\_. (2017). Meaning and object in Freud's theory of language. *International Journal of Psychoanalysis*, 98 (6), 1551-1576.

\_\_\_\_\_. (2019). O deslocamento do eixo da razão: Bento Prado Jr sobre Lacan e Hegel. *Modernos e Contemporâneos*, 3 (6), 3-41.

\_\_\_\_\_. (2020). Considérations préliminaires à propos d'une méthode historico-philosophique por la recherche conceptuelle en psychanalyse: une réflexion à partir de l'expérience brésilienne. *Critical Hermeneutics*, 4 (2), 59-78.

\_\_\_\_\_. (2022a). Bento Prado Jr e a filosofia da psicanálise: uma visão de conjunto. In: Bento Prado Jr, *Hegel e Lacan: cinco conferências em filosofia da psicanálise* (pp. 15-42). São Paulo: Editora Zagodoni.

\_\_\_\_\_. (2022b). Do deslocamento da razão à descompressão ontológica: método e resultados de um percurso entre Lacan e Hegel. In: Bento Prado Jr, *Hegel e Lacan: cinco conferências em filosofia da psicanálise* (pp. 43-76). São Paulo: Editora Zagodoni.

SIMANKE, R. T., Caropreso, F. & Bocca, F. V. (Eds.) (2011). *O movimento de um pensamento: ensaios em homenagem a Luiz Roberto Monzani*. Curitiba: Editora CRV.

SIMANKE, R. T. & Caropreso, F. (2017). Hagiografia e difamação na história da psicanálise: as duas faces do excepcionalismo. In: E. R. Fonseca, F. V. Bocca & Z. Loparic (Eds.), *Pluralismo na psicanálise* (pp. 11-28). Curitiba: PUCPress.

\_\_\_\_\_. (2018). Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In: L. Fulgêncio, J. Birman, D. Kupermann & E. L. Cunha (Eds.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos* (pp. 55-68). São Paulo: Zagodoni Editora.

SIWEK, P. (1945). *A psicanálise*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae.

VALABREGA, J.-P. (1980). *Phantasme, mythe, corps et sens: une théorie psychanalytique de la connaissance*. Paris : Payot.

